



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

RENATA DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO SEXUAL FEMININA E OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA TÂNTRICA:
NARRATIVAS DE MULHERES DO CEARÁ**

FORTALEZA

2022

RENATA DOS SANTOS DE OLIVEIRA

EDUCAÇÃO SEXUAL FEMININA E OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA TÂNTRICA:
NARRATIVAS DE MULHERES DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O51e Oliveira, Renata dos Santos de.
Educação sexual feminina e os benefícios da terapia tântrica: narrativas de mulheres do Ceará / Renata dos Santos de Oliveira. – 2022.
83 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

1. Educação em sexualidade. 2. Educação não-formal. 3. Tantra. I. Título.

CDD 370

RENATA DOS SANTOS DE OLIVEIRA

EDUCAÇÃO SEXUAL FEMININA E OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA TÂNTRICA:
NARRATIVAS DE MULHERES DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Aprovada em: 23/06/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade (Examinador Interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier (Examinador Externo)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo fôlego de vida, luz e força constante em cada momento da minha vida.

A meus pais, que de forma única e fundamental, serviram de alicerce para minha educação.

A gentileza de todas as mulheres entrevistadas, que contribuíram com a minha pesquisa, bem como ao profissionalismo da terapeuta tântrica que confiou plenamente no meu potencial.

À Coordenação de Pós-Graduação em Educação, localizada na FACED, que me proporcionou um mestrado de qualidade mesmo em tempos pandêmicos.

Ao meu orientador, José Gerardo Vasconcelos, pelo apoio e incentivo dispensados ao longo de minha carreira profissional.

RESUMO

Na nossa sociedade patriarcal, a sexualidade sempre foi encarada como objeto de repreensão e isso influenciou negativamente na vivência saudável da sexualidade feminina. Esta dissertação teve como objetivo geral compreender de que forma o tantra pode auxiliar as mulheres ao proporcionar mudanças práticas no modo como encaram a sua sexualidade. Inicialmente foram feitas abordagens teóricas acerca do conceito de sexo e de sexualidade, pontuando como ocorre esse desenvolvimento na infância, na puberdade, na vida adulta e no envelhecimento. Realizou-se uma abordagem histórica da sexualidade detalhando o fenômeno da repressão sexual e suas consequências na sexualidade feminina através das mais variadas disfunções sexuais. Abordou-se também a dificuldade dos educadores em tratar das questões da sexualidade com os alunos, ressaltando a necessidade dessa temática ser debatida não apenas em ambientes formais, mas também em ambientes informais e não-formais, dando ênfase a uma abordagem emancipatória da sexualidade. Em seguida, foi feita uma análise histórica da filosofia tântrica, contemplando o trabalho voltado para mulheres, desenvolvido no Ceará, a fim de conhecer quais as mudanças positivas que as mulheres percebem na sua sexualidade a partir do contato com o conhecimento tântrico. A metodologia realizada abordou teoricamente com mais ênfase a pesquisa qualitativa, que, nas Ciências Humanas, é considerada de grande valoração, haja vista exigir do sujeito pesquisador o contato direto com o objeto de pesquisa investigado, estudos de questões sociais e o interesse por questões subjetivas dos sujeitos envolvidos na pesquisa. O procedimento adotado para a coleta de dados foram as técnicas de entrevistas não diretivas e o instrumento do questionário aberto para recolha de narrativas orais, as quais foram exploradas levando em consideração os meandros das subjetividades presentes nas expressões de cada sujeito. Concluiu-se que o tantra tem características sensoriais e desrepressoras, e por isso é considerado um caminho de empoderamento e fortalecimento do feminino. Quando a mulher busca conhecer os princípios educativos do tantra em sexualidade, isso contribui para a libertação emocional e sexual dela.

Palavras-chave: educação em sexualidade; educação não-formal; tantra.

ABSTRACT

In our patriarchal society, sexuality has always been seen as an object of reprehension and this has negatively influenced the healthy experience of female sexuality. The general objective of this dissertation was to understand how Tantra can help women by providing practical changes in the way they see their sexuality. Initially, theoretical approaches were made about the concept of sex and sexuality, highlighting how this development occurs in childhood, puberty, adulthood, and aging. A historical approach of sexuality was carried out, detailing the phenomenon of sexual repression and its consequences on female sexuality through the most varied sexual dysfunctions. The difficulty of educators in dealing with issues of sexuality with students was also addressed, emphasizing the need for this theme to be discussed not only in formal environments, but also in informal and non-formal environments, giving emphasis to an emancipatory approach to sexuality. Then, a historical analysis of the tantric philosophy was made, contemplating the work focused on women, developed in Ceará, aiming to know what positive changes women perceive in their sexuality from the contact with the tantric knowledge. The methodology used approached theoretically with more emphasis the qualitative research, which, in the Human Sciences, is considered of great value, since it requires from the researcher the direct contact with the object of research investigated, studies of social issues and interest in subjective issues of the subjects involved in the research. The procedure used for data collection was the technique of non-directive interviews and the instrument of the open questionnaire for collecting oral narratives, which were explored taking into consideration the meanderings of subjectivity present in the expressions of each subject. One concluded that tantra has sensory and non-repressive characteristics, and for this reason is considered a path of empowerment and strengthening of the feminine. When women seek to know the educational principles of tantra in sexuality, it contributes to her emotional and sexual liberation.

Keywords: sexuality education; non-formal education; tantra.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	Sexualidade feminina: repressão ou emancipação?	11
2.2	Uma análise da Educação em Sexualidade em ambientes formais, informais e não formais	26
2.2.1	<i>Educação em sexualidade em ambientes formais</i>	26
2.2.2	<i>Educação em Sexualidade em ambientes informais</i>	31
2.2.3	<i>Educação em Sexualidade em ambientes não formais</i>	36
2.3	Tantra para mulheres: o contemplar de novos horizontes de libertação	40
3	METODOLOGIA	50
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
5	CONCLUSÕES	65
	REFERÊNCIAS	69
	APÊNDICE A – CLASSIFICAÇÃO DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS SEGUNDO A ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA	77
	APÊNDICE B – ENTREVISTA	78
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO	80

1 INTRODUÇÃO

O interesse em estudar essa temática deu-se a partir da percepção da opressão que as mulheres sofrem na nossa sociedade, por esta ser moralmente patriarcal, tradicional e cristã. Independente de qual seja a corrente adotada para a compreensão do patriarcado, todas as teorias entendem que nesse modelo social as mulheres continuam sendo vítimas de repressão – uma consequência da desigualdade e hierarquização social baseada na desigualdade de gênero.

Essa realidade dificulta o debate em torno da educação sexual e faz com que as mulheres não reconheçam o seu poder, sua feminilidade e sua sexualidade, além de coibir e inibir a mulher à sua individualidade. Como consequência, cerca de cinquenta por cento das mulheres brasileiras sofre de algum tipo de disfunção sexual, o que traz grande preocupação, pois trata-se de um número muito alto de incidência.

Dentro da filosofia tântrica, a mulher encontra um caminho para explorar sua própria sexualidade de forma saudável e sem tabus, pois a quebra de tabus (pessoais e sociais) é considerada uma das bases principais. A mulher é convidada a seduzir e experimentar diferentes formas de prazer, como meio para ampliar sua autoconsciência. Diante desse fato, busca-se estudar como o tantra pode auxiliar as mulheres a conceber um novo olhar para sua sexualidade.

Para alcançar essa meta, o campo de pesquisa será um Centro Terapêutico de Desenvolvimento da Sexualidade Humana, o qual chamaremos no decorrer do trabalho de Espaço Forte de Luz, que está localizado em Fortaleza, capital do Ceará. Conforme informações coletadas no site da instituição, este tem como missão levar uma solução terapêutica através do tantra, da sexualidade e das práticas corporais integrativas holísticas ao ser individual e este, por sua vez, ao coletivo (FORTE DE LUZ, 2020c).

Importante ressaltar que os terapeutas do Espaço Forte de Luz são formados pela escola que chamaremos de Keni, uma escola onde são ensinadas as práticas de desenvolvimento da sexualidade preconizadas na Visão Tântrica do Caminho do Amor. Será investigado, então, o que tem sido feito de forma instrutiva e terapêutica (práticas corporais e meditativas) por esses profissionais para auxiliar as mulheres a aprofundar o conhecimento do seu corpo e da energia sexual.

Desde muito cedo recebemos de parentes, amigos e/ou por meios de comunicação, informações que podem ser distorcidas ou que em nada contribuem para que se desenvolva uma vida sexual saudável. Mesmo que uma pessoa já tenha recebido uma educação mais consciente nesse aspecto e não tenha grandes bloqueios, ainda assim, pode carregar

problemas emocionais que não estejam contribuindo para que se experimente o sexo em sua plenitude.

Diante desse fato, esta dissertação busca responder a seguinte pergunta: “Tendo em vista que a sexualidade sempre foi objeto de repreensão, e que isso influencia na vivência saudável da sexualidade da mulher, de que forma o tantra pode auxiliar as mulheres propiciando mudanças práticas no modo como encaram a sua sexualidade?”

Ressalta-se que o tantra para mulheres é um trabalho voltado para mulheres em busca do seu feminino. É uma oportunidade de conversa sobre assuntos ricos da sexualidade, mas também utiliza a meditação ativa como ferramenta para ajudar a dissolver as couraças que as emoções ruins, as repressões e outras experiências criam no corpo, tornando-o mais leve.

De acordo com o site Forte de luz, as meditações ativas limpam a pessoa das somatizações que esses sentimentos desagradáveis possam causar. Além disso, essas meditações trabalham a produção hormonal de diversas glândulas, gerando descargas de serotonina, oxitocina e outros hormônios ligados ao prazer e à alegria (FORTE DE LUZ, 2020b).

Considera-se este estudo de grande relevância do ponto de vista social e científico, visto que possibilita reflexões sobre a sexualidade feminina, pois, como se sabe, a educação sexual quando saudável e libertadora objetiva desenvolver a autonomia nas questões referentes à sexualidade. Do contrário, quando é patológica e castradora, limita as ações, causando sofrimento psíquico e desprazer.

Contribui, também, para estudos que incentivem a mulher a exercer uma sexualidade plena e satisfatória, livre de culpa, medo, vergonha e de disfunções de ordem psicológica, principalmente. Auxilia, ainda, a compreender a maneira como a mulher vem experimentando sua sexualidade e despertando para novas possibilidades de maximizar o seu prazer, livre do receio de ser julgada, tudo isso com facilidade, graça e leveza.

Visto isso, esse trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro apresenta a introdução, trazendo pontos importantes como a justificativa do trabalho e a sua contextualização. O segundo traz o referencial teórico, e está dividido em três partes: na primeira, intitulada *Sexualidade feminina: repressão ou emancipação?*, foram feitas abordagens teóricas acerca do conceito de sexo e sexualidade, pontuando como ocorre esse desenvolvimento na infância, na puberdade, na vida adulta e no envelhecimento. Também é feita uma abordagem histórica da sexualidade, detalhando o fenômeno da repressão sexual e suas consequências na sexualidade feminina através das mais variadas disfunções sexuais. O referencial teórico encontra-se em autores como Freud (1973), Muchembled (2007), Foucault (2002), Bourdieu (2002) e Hooper (2005), Bernardi (1985), Abramovay (2004), Maia (2014),

Chaui (1991), Pinto (1999), Monesi (1993), Tanahill (1980), Ribeiro (2008), Raposo (1996), Nicolino (2010), Cherulli (2007), Safiotti (2015), Okita (2007), Carvalheira (2007), Costa (2013), Diaz (1999), American Psychiatric Association (2014) e Kaplan (1974).

A segunda parte, intitulada *Uma análise da educação em sexualidade em ambientes formais, informais e não-formais*, abordou a dificuldade dos educadores em tratar das questões da sexualidade com os alunos, ressaltando a necessidade dessa temática ser debatida não apenas em ambientes formais, mas também em ambientes informais e não-formais, dando ênfase a uma abordagem emancipatória da sexualidade. Para contemplar a temática de Educação em Sexualidade, tivemos como aporte teórico as reflexões de Bonfim (2012), Louro (1999), Vitiello (1994), Gohn (2006), Carrara (2007), Rosistolato (2003), Patané (2009), Nunes (1997), Unesco (2010), Silva (1995), Monesi (1993), Vitiello (1994), Marques (2002), Rocha (2008), Gadotti (2005), Freire (2011), Freitas (2020), Souza (2002), Romero (1998), Ribeiro (1990), Bedin (2016), Ribeiro (2004), Sinson (2001), Trilla (2008), Garcia (2009), Mendes (2010), Vieira (2005), e Ribeiro (1990).

Na terceira parte, intitulada *Tantra para mulheres: o contemplar de novos horizontes de libertação*, é feita uma análise histórica da filosofia tântrica, trazendo de forma introdutória o conceito de tantra, sua origem e suas características, bem como relata os benefícios dos ensinamentos tântricos a nível físico, emocional e espiritual. Para tal, utilizamos como aporte teórico os estudos de Osho (2001), Osho (2012), Sangito (2020), Chandra (2001), Valdez (2012), Cavalcante (2015), Doze Hélices (2020), Feuesteuin (2006), Keesling (1998) e Eliade (2012).

O capítulo sobre a metodologia abordou teoricamente a pesquisa qualitativa, que nas Ciências Humanas é considerada de grande valor, já que procura se envolver dinamicamente com os sujeitos de estudo. O procedimento adotado para a coleta de dados foi o de narrativas orais, que permitiu a pesquisadora explorar nos respondentes a subjetividade das expressões. Esta pesquisa utilizou-se da técnica de entrevista e questionário para obtenção de dados que comprovem a relevância e a legitimação do problema, a fim de conhecer quais as mudanças positivas que as mulheres percebem na sua sexualidade a partir do contato com o conhecimento tântrico a partir do trabalho voltado para mulheres, desenvolvido no Espaço Forte de Luz.

Já o quarto capítulo promove a difusão de informações relativas à sexualidade na nossa sociedade, acompanhadas de questionamentos e discussões. Apresenta elementos norteadores para uma educação crítica-emancipatória da sexualidade, superando assim os

mecanismos de repressão sexual da sociedade contemporânea. E por fim, o último capítulo traz as considerações finais acerca da pesquisa desenvolvida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Essa seção do trabalho está subdividida em três partes: *Sexualidade feminina: repressão ou emancipação?*; *Uma análise da educação em sexualidade em ambientes formais, informais e não-formais*; e *Tantra para mulheres: o contemplar de novos horizontes de libertação*.

2.1 Sexualidade feminina: repressão ou emancipação?

A sexualidade está presente em todos nós. Ela faz parte da vida e da condição humana; portanto, antes de empreender nessa compreensão, faz-se necessário conceituar sexo e sexualidade. De acordo com Nunes e Silva (2000):

É possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal. Já a sexualidade é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo. (NUNES; SILVA, 2000, p. 74).

Observamos que o sexo não pode ser encarado como um ato puramente instintivo, tendo em vista ser um comportamento inato que serve a uma necessidade. O sexo poderia ser encarado dessa forma, na medida em que serve à reprodução da espécie, como acontece entre animais. Nas palavras de Bernardi (1985):

“[...] usarei a palavra sexualidade para indicar uma propensão humana que envolve a pessoa inteira, enquanto que com a palavra genitalidade farei referência àquela expressão concreta e física da sexualidade que se funda no emprego dos órgãos genitais.” (BERNARDI, 1985, p. 114).

Assim, podemos entender a sexualidade como uma construção histórica, social e cultural. Nesse aspecto, concordamos com Jimena Furlani (2007, p. 11), quando afirma que “a sexualidade é construída historicamente”. Para a Organização Mundial de Saúde (Langfeldt & Porter, 1986), a sexualidade é definida como sendo

uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (LANGFELDT & PORTER, 1986).

Para o termo sexualidade, Abramovay (2004, p. 29) formulou a seguinte significação:

[...] é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. A sexualidade é experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos [...] Assim é a própria vida (ABRAMOVAY, 2004, p. 29).

Percebe-se, assim, que a sexualidade envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas e nossa cultura. Entretanto, para World Health Organization (2007): “Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressadas”.

A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007). Considera-se uma sexualidade saudável quando se promove uma vida sexual segura e feliz (IPSRMU, 2012). Percebemos que “[...] a investigação sobre a sexualidade demanda uma análise mais profunda do campo temático que a envolve”. (NUNES, 1996 apud ROMEIRO, 2010, p. 10). Dentro deste contexto, fez-se necessário definir inicialmente o que é sexualidade a fim de que haja um diálogo livre de preconceitos.

Pontuando a questão biológica e orgânica, na infância, a sexualidade se expressa por meio de curiosidades, de questionamentos, de reconhecimento das diferenças sexuais, e até mesmo por ocorrências de masturbação individual. A infância é um período da vida importante para o aprendizado e para a vivência da sexualidade. Desse aprendizado, compreendem-se muitas manifestações sexuais que teremos na adolescência, na vida adulta e no envelhecimento.

Para falar sobre esse assunto, não poderíamos deixar de citar o posicionamento de Freud, que foi um pioneiro no estudo da sexualidade humana. Em seu livro, intitulado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1973), ele defende a concepção da manifestação da sexualidade em fases muito mais precoces do desenvolvimento: está presente na criança desde o seu nascimento. Nota-se que ainda hoje esse tipo de afirmação pode causar inquietação em algumas pessoas, pois o que caracteriza essa fase é justamente a exploração do seu corpo e do outro, ainda não contaminados pelas regras sociais. Nem sempre a criança sabe as regras que regem as possibilidades desse conhecimento; ou seja, o que pode fazer ou não. É possível perceber, então, que o conceito de sexualidade de Freud era muito mais amplo do que o vigente na época. Ele a definia muito mais pelo prazer do que pela necessidade de reprodução.

A adolescência é um período muito importante para a sexualidade, pois é quando ocorrem as descobertas e as vivências das escolhas amorosas e sexuais. Após a fase da infância, os hormônios sexuais e do crescimento ativam-se, e o corpo passa por muitas modificações

físicas, alterando, também, sentimentos e sensações. É a chamada puberdade que, embora se refira a mudanças no corpo, tem implicações psicológicas e sociais na vida do adolescente.

Na puberdade, o corpo entra em crescimento e amadurecimento acelerado, e a sexualidade ganha novo sentido. Os vínculos afetivos se ampliam das relações familiares e do círculo de amigos para os encontros amorosos e sexuais, e o corpo, já apto para a reprodução, vivencia novos aprendizados. “Nesta fase o adolescente além de reconhecer sua identidade pessoal, assume seus desejos e forma de sentir e amar. Também se apropriam de muitas das regras sociais que regem a questão da sexualidade” (MAIA, 2014, p. 3).

Segundo Rodrigues Jr. (1993), a masturbação e o tocar-se mutuamente são comportamentos esperados durante o desenvolvimento sexual na adolescência, pois é o período de formação de sua identidade sexual, que se desenvolve naturalmente. Para Freud (1973) inicia-se, na adolescência, a fase genital. Concomitante com a maturação biológica, ocorre a partir daí a retomada do impulso sexual, que, com a busca do objeto de amor fora do grupo familiar, o indivíduo assume as características da sexualidade adulta.

A masturbação, para Monesi (1993), é uma prática não apenas normal, mas de grande importância para o autoconhecimento corporal. Apesar disso, ela nem sempre é aceita pelos familiares de forma natural. Assim, a masturbação quando é repreendida ainda no desenvolvimento do indivíduo pode contribuir para uma possível restrição da sexualidade na vida adulta dessa pessoa.

Na fase adulta, novos desafios são vividos na área da sexualidade: o cuidado de si e do outro, a possível relação conjugal, a maternidade e a paternidade, a escolha das práticas sexuais e as manifestações da identidade sexual que nem sempre condizem com os padrões e com as regras definidos pela sociedade (MAIA, 2014, p. 3).

No envelhecimento, o corpo passa por mudanças, pois deixa de ser reprodutivo, implicando em uma série de mudanças tanto para homens quanto para mulheres. As mulheres vivem o climatério, quando ocorrem várias mudanças no seu corpo devido à redução da taxa hormonal. Sobre essas transformações podemos citar: ressecamento da vagina, perda da sensibilidade, ondas de calor, instabilidade emocional, perda da elasticidade da pele e menopausa (MAIA, 2014, p. 3).

A saúde sexual é importante para a manutenção das relações afetivas, é parte da saúde global e do bem-estar do indivíduo. Atualmente, independente do gênero, o sentido prazeroso do sexo tem sido considerado mais importante do que a sua finalidade reprodutiva. Ainda assim, um dos principais desafios da sexualidade na contemporaneidade é a experiência

feminina de prazer sexual ser influenciada por particularidades históricas, culturais, biológicas, pessoais e relacionais.

Segundo Muchemble (2007), “Os antropólogos foram os primeiros a afirmar que a sexualidade é essencial para os seres vivos.” A integração do corpo na sua totalidade, dentro da sexualidade, nos permite entender que somos seres sexuais, desde o nascimento até a morte. Isso significa que as crianças, os adolescentes, os adultos e os idosos têm sexualidade. Afirmamos que todo ser humano tem o direito de vivê-la plenamente já que esta faz parte do sistema biológico da humanidade.

Percebemos então que existem diferentes abordagens sobre essa temática, que variam de acordo com concepções e crenças convenientes a cada um. Em alguns lugares podem-se encontrar visões preconceituosas sobre o assunto. Em outros, é discutido de forma livre e com grande aceitação de diferentes olhares ao redor do termo. Para Figueiró (2006), a sexualidade “inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 2). A sexualidade constitui uma das intrigantes dimensões da condição humana, pessoal e social (NUNES, 1996 apud ROMEIRO, 2010, p. 11).

Através da História da Sexualidade, constatamos que, desde os primórdios, este tema é cercado por tabu e repressão. A palavra “tabu” contém uma expressão de ação proibida ou algo que seja impuro ou perigoso. No entanto, o tabu é algo que já existe bem antes dos deuses e precedente a qualquer religião. O “tabu” nada mais é que uma proibição de algo que nos é intimamente desejado (CHAUI, 1991, p. 11). Assim, reforçamos a importância de que a energia sexual seja compreendida com normalidade e encarada como fonte natural de prazer, tendo em vista que ela nos preenche de saúde física, psíquica e emocional, bem como pode ser utilizada para a cura de diversos males.

Para Pinto (1999), no período atual não se faz mais sentido lidar com sexualidade de forma subentendida; “se queremos um mundo mais maduro e esclarecido, não se pode dar preferência ao implícito em detrimento da explicitação das questões relativas à sexualidade”. No entanto, a nossa cultura machista reprime na mulher as manifestações sexuais que são contrárias às normas e aos padrões construídos historicamente e em conformidade com tabus e preconceitos religiosos e sociais. Essa repressão sexual é uma forma de expressão do tabu na sociedade contemporânea.

Apesar do fenômeno da repressão sexual ser algo muito antigo, o conceito de tal nomenclatura é recente, pois estudos mais detalhados só foram feitos no século XIX. Para Chauí (1991):

O substantivo repressão é referido ao verbo reprimir e que este possui seis sentidos principais: 1) suster ou conter um movimento ou uma ação, reter, coibir, refrear, moderar; 2) não manifestar, dissimular, ocultar, disfarçar; 3) violentar, oprimir, vexar, tiranizar; 4) impedir pela ameaça e pelo castigo, proibir; 5) castigar, punir; 6) conter-se, dominar-se, moderar-se, refrear-se. (CHAUI, 1988, p. 11-12).

De maneira geral, Marilena Chauí (1991, p. 77) define repressão sexual como “sistema de normas, regras, leis e valores específicos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais e genitais”. Compreendemos, então, que a repressão sexual é um mecanismo para reprimir e ocultar a sexualidade e que mesmo com as mudanças nos padrões éticos e morais, a sexualidade sempre foi objeto de limitação e repreensão. Tal fato também aparece em outros estudos e parece reforçar a manutenção do sentimento de culpa pela prática da masturbação, o que pode levar a uma vivência restritiva da sexualidade adulta (Monesi, 1993).

A repressão, que é histórica, atacou com grande ênfase, nas mais diversas dimensões, a vivência sexual das pessoas. E essa é outra fonte que molda a forma de fazer ou não fazer educação sexual. Outros aspectos do viver humano nunca foram tão controlados pela cultura, principalmente a cultura religiosa como foi a sexualidade humana.

A repressão social referente à sexualidade se manifesta através de inúmeros mecanismos que limitam a prática somente à reprodução, essa realidade se acentua ainda mais quando se refere à sexualidade feminina, condenando a mulher ao papel de gênero imposto pela hierarquização social, um lugar subalterno onde o homem tem mais poder sobre ela, tanto no âmbito público quanto no privado. Sousa et al. (2006) afirmam que os tabus sobre sexualidade são mais evidentes no ambiente familiar de adolescentes do sexo feminino, já que culturalmente há maior cobrança da conduta comportamental das garotas.

Interessa-nos verificar como diferentes religiões lidam com o tema da sexualidade na sociedade. Para Muchembled (2007), a ética sexual, baseada na negação do prazer, se estendeu a todas as camadas da sociedade, e a expressão “pecado da carne” passou a fazer parte de sermões e livros de teologia como forma de justificar a repressão de grande parte das práticas sexuais. Repressão esta que percebemos perdurar até os dias atuais. Há, portanto, a reprodução de um conceito aprendido com base em crenças e tabus (Sousa et al., 2006), fazendo com que o sujeito experimente uma vida sexual na qual a sexualidade é vivenciada de forma acrítica.

Importante ressaltar que embora a sexualidade seja um tema tabu em muitas sociedades - e ainda é na nossa -, é algo “natural”, ou seja, é apenas mais um aspecto do nosso desenvolvimento humano, assim como o cognitivo e o físico.

Entendemos que quando a religião se posiciona em um determinado tema, ela está explicitando uma visão de mundo. Desta forma, expomos aqui um panorama geral de posições religiosas sobre a sexualidade. "A religião foi o primeiro mecanismo de controle sexual, um filtro de infrações que repreendia os pecados do corpo e mente" (FOUCAULT apud GIAMI, 2005), conforme se confirma na afirmação a seguir:

Dentro da história da sexualidade, percebemos como a mulher foi desempenhando o papel que lhe foi designado pelo universo masculino. [...em] um estudo acerca da condição da mulher no Brasil Colônia, a Igreja mantinha o monopólio ideológico na organização da nova sociedade orientando a moral e a ética dentro de uma perspectiva cristã, paternalista e falocrática (RAPOSO, 1996, p. 45).

Independente da crença, percebemos, então, que a Igreja tem uma importância significativa para os seres humanos exercendo forte influência sobre o comportamento e, conseqüentemente, sobre a sexualidade. Além disso, a religião tem sido, no decorrer da história, um fator determinante sobre a sexualidade humana ao impor regras rígidas e, em outros momentos, orientando o ser humano nessa dimensão tão importante da vida.

Historicamente, a Igreja Influenciou definitivamente a nossa moral sexual impondo as suas normas sem permitir discussões sobre o tema. Uma moral que foi estabelecida a partir do Concílio de Trento, mas a Igreja manteve rigidamente suas posições até os dias atuais. Até mesmo as posições sexuais também eram controladas pela Igreja Católica, permitindo apenas aquela em que o homem está numa posição superior:

Os teólogos reconheciam esta posição como a única “natural”, sendo todas as outras “antinaturais”, porque modelavam o homem ao animal, invertiam a natureza (hierárquica) do homem e da mulher e também porque outras posições eram suspeitas de prevenir a concepção e, portanto, contrariarem a natureza do casamento, sendo a contracepção um dos maiores pecados do sexo. (TANNAHILL, 1980, p. 190).

Hoje a essência desse padrão é defendida fervorosamente pelo atual papa que continua tentando estabelecer valores sexuais, visando moldar e controlar o comportamento humano. A Igreja Católica procurou, desde os primeiros Jesuítas até a ação do Santo Ofício, discutir, condenar e controlar as práticas sexuais, como lemos abaixo:

Discutia-se e se codificava se o ato denunciado era erro, pecado ou crime; o grau da punição – por exemplo, morte na fogueira, castração, confisco de bens, degredo; e a extensão do ato – se havia derramamento de sêmen, se havia apenas carícias nos genitais, se apenas eram homens com jeito e trajas femininos, se era relação entre

mulheres. Verificava-se se o crime ou pecado não consistia sodomia, mas molície (menos grave) – nome que se dava a enorme lista de atos sexuais que excluía penetração anal ou vaginal, como masturbação, sexo oral e desvios sexuais (RIBEIRO, 2008, p. 39)

No que se refere à Igreja Católica, percebemos ainda que o Vaticano mantém posições ultraconservadoras em relação ao casamento, à orientação sexual, ao uso de preservativos e à AIDS. A Igreja Católica tem tido uma postura dita retrógrada por muitos em relação à sexualidade, ao reafirmar o sexo como objetivo apenas de reprodução.

A religião é considerada um mecanismo de aculturação dos povos do mundo inteiro e tem servido aos propósitos de poucos, mas ao mesmo tempo tem persuadido gerações e gerações para agir de acordo com seus ditames. A repressão foi o “remédio” para o grande mal da sexualidade que acometia a população. Reprimir a sexualidade estava de mãos dadas com

Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. Quádrupla razão para estabelecer separações estanques entre os indivíduos, mas também aberturas para observação contínua. O próprio edifício da escola devia ser um aparelho de vigiar. (FOUCAULT, 2002, p. 145).

Reprimir, castigar e atribuir a um ser invisível que se encarregaria da vingança dos que não obedecessem às normas e às regras eram, foram, e ainda serão, por muito tempo, as fórmulas mágicas da religião para reproduzir frustrações em grandes parcelas de seres humanos, com o objetivo de criar sentimentos de inferioridade e de culpa ao viverem sua sexualidade.

Na ascensão do Cristianismo, “construiu-se uma moralidade permanente” mantendo a castidade ou o casamento reforçando a recusa do prazer sexual, reduzindo assim as práticas sexuais para “limites estreitos dos interesses procriadores” (LIMA, 1996, p. 38). Para o cristianismo, “a sexualidade encontrava-se justificada apenas na procriação, a sensualidade reduzia o homem ao nível dos animais” (RAPOSO, 1996, p. 45). A sexualidade feminina passa, portanto, a ser vista como pecado e apenas admitida no âmbito matrimonial e exclusivamente para fins reprodutivos. A contracepção era considerada um pecado grave e a copulação deveria servir só para dar à luz. Para as mulheres a monogamia e a virgindade passam a ser valorizadas como símbolos de virtuosidade. A homossexualidade era considerada um perigo para a Igreja, um repúdio à moralidade cristã e um perigo para o Estado.

Percebemos que muitas pessoas aprendem a evitar o sexo devido a uma formação religiosa que ensina a associar o corpo e seus impulsos sexuais à vergonha e à culpa. Dentro

das religiões cristãs, o sexo é proibido e, na maioria das igrejas, também não é discutido, pelo menos até o casamento.

Dessa forma, a sexualidade está associada a negar e controlar seus desejos, sendo a prática sexual associada ao casamento e à procriação (RIBEIRO, 2006). No território do desejo, a mulher deve tornar-se passiva, para estimular o desejo masculino, já que feminilidade é entendida como postura passiva (NICOLINO, 2010, p. 75). Em suma, sobre os corpos das mulheres, são impostas regras de comportamento que reprimem a sua sexualidade, destinando-as a uma vida no âmbito privado, cuidando do marido e dos filhos. É a busca pela incorporação da imagem de mãe inviolável como controle social de função feminina.

Percebemos que o gênero feminino foi fortemente marcado pela preocupação atribuída à virgindade, que associada ao casamento e à procriação, evidenciou a sexualidade como campo de domínio masculino (NICOLINO, 2010, p. 72). Seguindo esse paradigma, o controle e a repressão são atributos que tornam a mulher respeitável e passível de admiração social. Ao homem é permitido exercer suas vontades e desejos sexuais com outras parceiras fora do casamento, enquanto à mulher fica restrita apenas a busca do prazer dentro do matrimônio que é considerado sagrado.

A Umbanda que é uma religião formada dentro da cultura religiosa brasileira que sincretiza elementos vários, inclusive de outras religiões, não possui restrições quanto ao sexo antes do casamento e suas variações, embora a penetração seja proibida aos *médiuns* em dias de ritual; são radicalmente contra o adultério e o aborto; não há restrições a masturbação ou a métodos anticoncepcionais (CHERULLI, 2007, s/p).

No Kardecismo, por exemplo, a escolha dos métodos contraceptivos é livre “desde que não lesem o plano físico. Em relação a sexo antes do casamento existe o consenso de que a união de duas pessoas tem de ocorrer sem formalidades, o homossexualismo é aceito” (CHERULLI, 2007, s/p).

Já para os protestantes evangélicos e pentecostais, a visão era a seguinte:

Para os protestantes evangélicos é aceitável o uso de métodos contraceptivos em relação ao planejamento familiar; são contrários ao sexo antes do casamento; condenam o adultério, o aborto e o homossexualismo (sendo considerado pecado); há liberdade quanto às variações sexuais, mas sexo anal é condenado; sobre as disfunções sexuais, são inaceitáveis pela crença religiosa problemas desse tipo.

Para os protestantes pentecostais prevalecem os mesmos postulados. No entanto, aqui as variações sexuais não são admitidas, somente o sexo vaginal; a masturbação não é rotulada com pecado, mas é desaconselhada. Em relação às disfunções sexuais, a rotina é se aconselhar com o pastor que costuma encaminhar o casal. (CHERULLI, 2007, s/p).

Percebemos que as religiões em geral, em relação à sexualidade, têm sido um instrumento ideológico e político-social, não só pela forma como têm orientado os indivíduos a negar sua sexualidade, mas também por penalizar os indivíduos pela culpa, que é uma forma eficaz para conter a prática de burlar as normas impostas.

Além da religião, o modelo social do patriarcado também é um mecanismo de opressão sexual para as mulheres visto ser resultante da hierarquização social. Weber (1964, apud MACHADO, 2000) conceitua o patriarcado como uma experiência coletiva em que uma só pessoa exerceria dominação:

(...) chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida “normalmente” por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas (WEBER, 1964 apud MACHADO, 2000, p. 184).

Nesse sentido, com o advento do patriarcado, as construções sociais sobre a sexualidade humana se baseiam na regulação da sexualidade feminina, tendo em vista os interesses de manutenção do poder burguês, masculino e heterossexual. Saffioti (2015, p. 47) afirma que “[...] como o próprio nome indica, [o patriarcado] é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens”. Nesse modelo de sociedade, o homem adquire diversos privilégios no que diz respeito à sexualidade e a outros âmbitos sociais, pois assume ser o centro das relações sociais e passa a ser tratado como superior às mulheres. Ademais,

[...] dois fatores históricos marcaram as bases de constituição do patriarcado: 1. A produção de excedente econômico, núcleo do desenvolvimento da propriedade privada e, portanto, do domínio e da exploração do homem sobre o homem/mulher, no caso, ainda mais fortemente, sobre a mulher. 2. A descoberta da participação dos homens na procriação dos(das) filhos(as), pois, antes disso era entendido como um poder divino das mulheres (SAFFIOTI apud CISNE, 2014, p. 74)

Segundo Edward C. Whittmont (1991), a mulher passou por uma repressão muito forte com relação a sua sexualidade, sendo também submissa dentro de uma cultura patriarcal. Com isso, percebemos claramente que a mulher, em um determinado momento da nossa civilização em uma cultura patriarcal, foi depreciada e colocada em uma posição desumana. Por um longo período, as mulheres ocuparam um papel secundário na construção histórica da sociedade.

As diferenças entre os gêneros, tanto biológicos quanto sociais, geraram repressões que marcaram séculos e até hoje reverberam através de comportamentos machistas presentes no nosso cotidiano. Bourdieu (2002) não trabalhou com um conceito de gênero propriamente

dito em sua obra, entretanto o seu pensamento sobre o masculino e o feminino, e suas dominações, nos chama para o debate dessa relação, em que trata a questão da “dominação masculina”, principalmente a partir de uma perspectiva simbólica.

Para o pesquisador, a dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica. O autor defende a ideia de que a dominação masculina é aprendida pelo homem e absorvida pela mulher inconscientemente. A sociedade, naturalizando comportamentos, ratifica essas ações através das repetições. Para Bourdieu (2002), a expressão “violência simbólica” se traduz como uma violência suave, insensível pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou reconhecimento. Porém, ao passo que analisamos mais profundamente essa violência, percebemos que ela está intimamente ligada às diferenças de gênero construídas socialmente desde a infância, conseqüentemente também no ambiente escolar.

A violência de gênero está presente na cultura de todos os países independente do seu grau de desenvolvimento, se expressa em maior ou menor escala. Culturalmente se reproduz através de comportamentos irrefletidos, aprendidos histórica e socialmente, nas instituições como igreja, escola, família e Estado, contribuem diretamente para a opressão masculina sobre a feminina. Historicamente podemos afirmar que a mulher vem sendo socialmente oprimida (GOMES; BALESTERO; ROSA, 2016, p. 13).

Assim, percebemos que o fato de a mulher ter sido vítima dessa violência mostra, cada vez mais, que nas diversas sociedades observa-se a presença de um machismo em que se coloca a figura da mulher como objeto, menor em sua categoria humana, muitas vezes relegada dessa condição, sendo tratada com total desprezo, tendo sua função dirigida a afazeres domésticos e restrita aos círculos sociais.

A expressão violência simbólica aparece como eficaz para explicar a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras, das sanções, da incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, das práticas linguísticas e outras, o que se encaixa, perfeitamente, nas relações de gênero criadas socialmente (VASCONCELLOS, 2002, p. 81). O ser masculino, desde os primórdios, exerceu sua suposta superioridade e dominação sobre o sexo dito “frágil”, criando, portanto, uma sociedade de face patriarcal e machista, em que as mulheres foram moldadas para assumirem o papel fundamental de mães, reprodutoras, zeladoras do lar, subordinadas à ideologia formulada pelo masculino (GOMES; BALESTERO; ROSA, 2016).

Complementando o exposto, Safiotti (2015, p. 51; grifo da autora) cita que “um dos elementos nucleares do patriarcado reside exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa a seu marido” Assim, percebemos que embora a

sexualidade seja uma expressão da individualidade, esta sofre influências sociais, pois está intimamente ligada aos interesses hegemônicos de cada período histórico.

Okita (2007) afirma que com o patriarcado,

Pela primeira vez, sentimentos sexuais e emocionais começaram a ser influenciados pelo controle social, e proibições sexuais rígidas foram construídas. Vergonha, culpa e medo passaram a ser relacionados com o sexo e como forma de opressão para a manutenção da ordem. O que era casual, espontâneo e natural começou a ser objeto de conflitos e, em última instância, perseguição. Com a propriedade privada, o natural passou a ser não-natural. A sexualidade em geral, assumiu uma significação social negativa. Era uma forma de expressão pessoal incompatível com a nova ordem patriarcal, somente sendo permitido dentro dos limites rígidos da família monogâmica dominada pelo homem (OKITA, 2007, p. 33-34).

Assim, nota-se uma coerção social que imprime passividade ao papel feminino, sujeitando as mulheres a se entenderem como um pertence do homem (patriarca), à disposição de suas vontades, sem necessidades e poderes sexuais próprios, o que Mackinnon mais adiante destaca como “o homem come a mulher: sujeito, verbo, objeto” (MACKINNON, 1946 apud SCOTT, 1989, p. 9). Percebemos que as opressões às sexualidades são construídas historicamente, sendo necessária organização política em torno da construção de uma nova organização social antimachista.

Outro fator importante sobre a sexualidade humana em geral é a concepção da sexualidade apenas como um aspecto biológico em detrimento do psicológico e do social. Os relatos de Ressel & Gualda (2003) ressaltam o imaginário feminino quanto ao sexo como “necessidade orgânica” aos homens e “obrigação marital” às mulheres – explicando a infidelidade masculina, a passividade e frigidez femininas – e à virgindade – como objeto de troca, um “selo de garantia” de honra até o casamento. Essa realidade contribui para a opressão sexual da mulher, pois é uma visão muito reducionista, visto que se refere apenas à parte biológica da sexualidade, focando na reprodução sexual, através dos órgãos genitais, e destinada à reprodução.

Um exemplo disso ocorreu no fim do século XIX e início do século XX, na era vitoriana, que foi um período marcado por intensa repressão sexual feminina, em que até as pernas das cadeiras eram cobertas. De acordo com Hooper (2005),

as mulheres da classe média não tinham qualquer expectativa quanto ao êxtase sexual; na verdade, elas provavelmente temiam o contato sexual no começo do casamento e podem ter vivido sem jamais experimentar o prazer do sexo (HOOPER, 2005, p. 123).

Cabe refletir como esse fato é desumanizante e corrobora para a manutenção do controle sexual ideológico e repressivo, visto que a crença da classe média dominante dizia que o sexo era algo ruim e que as mulheres respeitáveis não podiam gostar. Em contraposição à repressão sexual feminina, acreditava-se que os homens possuíam apetite sexual incontrolável, que precisava ser satisfeito por questão de saúde.

É importante compreender que a mulher foi treinada por séculos a oprimir seus sentimentos, vontades e desejos. Na infância, é impedida de pensar na própria vida sexual; induzida aos bons modos, tem suas perguntas ignoradas ou respondidas incompletamente; sempre que pensa em sexo, associa-o a algo errado e proibido (GOZZO et al, 2000). O mesmo ocorrerá na vida adulta: quando leva uma queixa ao profissional, recebe em troca o desinteresse deste e passa a acreditar que sexo não é um componente de sua saúde. A visão biológica da sexualidade limita-a a processos físicos, sem a complexidade exigida. A consulta ginecológica destina-se simplesmente à doença ou à restauração de funções orgânicas (CARVALHEIRA, 2007, p. 9). Observa-se, assim, que

Existe uma falta de abertura na assistência [à sexualidade] impossibilitando a formação de um vínculo entre cliente e profissional, não sendo possível a verbalização do problema. Este aspecto pode ser amenizado ou mudado se o profissional destituir-se de valores morais próprios e procurar conhecer e entender o contexto e os valores culturais/morais da população [que assiste]; ouvir e partilhar impressões, opiniões e conhecimentos com a equipe e principalmente tentar compreender que o ser humano é histórico, se transforma, pensa e sente, recebe influências do meio em que vive e deve ser visto na sua totalidade” (GOZZO et al, 2000, p. 89).

Desta feita, crendo no sexo como fenômeno biológico único, fomentou-se uma medicina de intervenção que tenta suprir todo desvio da sexualidade, tratando as disfunções sexuais masculinas, ao mesmo tempo em que negligencia as femininas, pois, tem tratamento mais difícil, menos medicamentoso e que exige maior atenção aos valores psicossociais e culturais (LOYOLA, 2003; GIAMI, 2007). Para Diaz (1999), “a saúde sexual esteve ligada à saúde reprodutiva da mulher, sendo discutida a fecundação como única necessidade sexual, sem pensar na existência do prazer feminino”. Percebemos que o aspecto biológico foi o mais considerado ao se criar um conceito de sexualidade, mais especificamente a aparência genital, como o órgão sexual por excelência, enquanto no âmbito da reprodução, atribuía-se somente à mulher a responsabilidade de prevenir ou cuidar de uma gravidez, assim como de cuidar da prole.

Esta é uma visão muito reducionista que não considera o esquema do corpo como uma unidade. A sexualidade vai além das estruturas biológicas do ser humano, portanto, é

fundamental elaborar critérios, respostas e conceitos para superação do que se fala sobre a sexualidade como genitalidade; ou seja, trazer a compreensão de que sexualidade e sexo (órgão genital ou relação sexual) não são a mesma coisa.

Reforçamos que o aspecto biológico da sexualidade pode ser expandido e, assim, dar um significado maior quando se relaciona com outros fatores envolvidos. É de grande importância, ainda, olhar a sexualidade como uma categoria que transcende a biologia das estruturas corporais e dos processos fisiológicos, que materializam e objetivam o sexo a partir do determinismo biológico de se ter nascido homem ou mulher. Cabe-se perguntar sobre a vivência da sexualidade e sobre o sentido mais profundo da vida humana.

Há que se buscar uma nova postura nas relações sociais, uma nova significação da sexualidade, pois o sexo exige de cada ser humano uma compreensão e várias interpretações de todas as suas energias e potencialidades. Não se trata, portanto, de apresentar padrões sexuais, mas sim de compreender que a vida é inteira sexualidade, para que esta não seja tratada de maneira superficial e imune à reflexão.

Todos esses aspectos citados colaboram para uma educação sexual repressora, que faz com que a vida sexual da mulher não seja satisfatória causando disfunções, como frigidez, diminuição da lubrificação, anorgasmia e Desejo Sexual Hipoativo. De acordo com Costa (2013), a mulher tem mais pontos físicos de prazer que o homem, o que deveria levar ao alcance da plenitude sexual e desfrute do próprio corpo com mais facilidade; porém, atravessamentos históricos e culturais ainda influenciam negativamente a funcionalidade sexual e a valorização do autoconhecimento corporal feminino, resultando, por vezes, em disfunções sexuais.

Ainda sobre esse assunto, Freud (1977) relata que a sexualidade sofre flutuações quantitativas quando ocorrem variações da excitação sexual, da tensão sexual e do pré-prazer. Além disso, outros fatores, como a vergonha, a repressão, e as normas sociais vigentes, podem modificar quantitativamente a sexualidade uma vez que restringem o instinto sexual (FREUD, 1977, p. 238).

O prazer feminino é um dos principais desafios da sexualidade contemporânea, com especial destaque para o orgasmo, quando abordada a formação da saúde sexual (COSTA, 2013). Segundo Kontula e Miettinen (2016), a experiência masculina do orgasmo é muito mais frequente que a feminina, chegando a índices de 90% nas relações sexuais, enquanto as mulheres se situam por volta de 50%. Em um mundo de relacionamentos e atividades sexuais ideais, Arcila, Tobón e Gómez (2015) descreveram que toda atividade sexual deveria ser concluída com um orgasmo, mas a realidade trazida por Sacomori e colaboradores (2012) é de que entre 10 e 26% de todas as mulheres não experimentarão um orgasmo durante toda a vida.

A partir da associação entre os modelos de Masters e Johnson (1984) e de Kaplan (1977), estabeleceram-se critérios diagnósticos para os transtornos da sexualidade, os quais constam no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (2014), que definiu a resposta sexual saudável como um conjunto de quatro etapas sucessivas: desejo, excitação, orgasmo e resolução. As disfunções sexuais, em contrapartida, caracterizam-se por falta, excesso, desconforto e/ou dor na expressão e no desenvolvimento desse ciclo, o que afeta uma ou mais das fases deste. Quanto mais precocemente incidir o comprometimento desse ciclo, mais prejuízo acarretará à resposta sexual e mais complexos serão o quadro clínico e respectivos prognóstico e tratamento (ABDO, 2004b). A disfunção sexual, portanto, implica alguma alteração, em uma ou mais das fases do ciclo de resposta sexual, ou dor associada ao ato, o que se manifesta de forma persistente ou recorrente.

A disfunção sexual pode ser definida como uma condição multifatorial com componentes anatômicos, fisiológicos, psicológicos e sociais que impedem a mulher de experienciar satisfação sexual adequadamente (ABDULLAHI et al., 2019). Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5), classificam-se como disfunções sexuais femininas o Transtorno do Orgasmo Feminino, o Transtorno do Interesse/Excitação Sexual Feminino e o Transtorno da Dor Gênitopélvica (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Segundo a Associação Psiquiátrica Americana, as disfunções sexuais são classificadas em desejo sexual hipotivo, disfunção de excitação, anorgasmia, dispareunia e vaginismo (ver apêndice - Quadro 1). Essas disfunções são ainda classificadas em primária, quando a resposta sexual não alcança êxito ao longo da vida; secundária, quando é adquirida, e situacional, ou seja, a disfunção ocorre somente na presença do parceiro ou em circunstâncias específicas (KAPLAN, 1974, p. 88). No que se refere ao desejo sexual hipotivo ou inibido, é a disfunção sexual mais comum, tanto em homens quanto em mulheres. É caracterizada pela ausência de fantasias sexuais e de desejo pela atividade sexual, resultando em angústia e dificuldades interpessoais. As mulheres com esse distúrbio têm pouco interesse em buscar estímulos sexuais. Algumas mulheres podem até mesmo apresentar aversão sexual, evitando completamente qualquer atividade sexual com o parceiro.

Sobre o Transtorno do Orgasmo, este segue os critérios: presença de retardo acentuado, infreqüência acentuada ou ausência de orgasmo e/ou intensidade muito reduzida do orgasmo em todas ou quase todas as ocasiões (75 a 100% das vezes); sintomas que persistem por, no mínimo, seis meses; presença de sofrimento significativo e não haver outra explicação mais adequada à disfunção (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

O historiador Gerard Vincent, no capítulo “O corpo e o enigma sexual”, em *História da vida privada. Da Primeira Guerra a nossos dias, volume 5*, da coleção dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby, apresenta uma síntese da busca do entendimento sexual durante o século XX, focando na caçada ao orgasmo, uma das práticas dos sexologistas:

Masters & Johnson nos relatam que, nos anos 50, seus pacientes eram homens preocupados com seus fracassos: impotência, ejaculação precoce, etc. A partir dos anos 60, um número crescente de mulheres passou a consultá-los pela dificuldade ou incapacidade de atingir o orgasmo (VINCENT, 1992, p. 352).

Isso ocorre porque as mulheres sentem-se culpadas por todos os problemas relativos ao sexo, são usualmente passivas e submissas na relação com o parceiro e adotam a mesma postura na busca do sexo. A mulher acaba mantendo relações sexuais mesmo com a dura rotina, cansaço e estresse, buscam satisfazer seus parceiros sem satisfazer a si próprias ou criam desculpas para evitar a relação. Às vezes, renunciam ao sexo para descansar após as atividades diárias, associam sexo a gasto de energia e esforço extra. A dispareunia é outra queixa que interfere de forma prolongada na vivência da sexualidade da mulher.

No que se refere à prática da masturbação, sabemos que quando praticada, tem um papel positivo no desenvolvimento sexual, na compreensão do corpo e na resposta sexual, sendo constituinte da saúde sexual. Segundo Carvalheira e Leal (2013),

Embora a masturbação seja uma prática comum entre os homens, o engajamento das mulheres é menos frequente, principalmente devido as intervenções da cultura e da religião para sua estigmatização, levando a sentimentos de culpa e vergonha (CARVALHEIRA; LEAL, 2013).

Essa preocupante realidade nos faz perceber a importância da efetivação da educação sexual como um fator fundamental a ser trabalhado e desenvolvido adequadamente no cotidiano de ambientes formais como o das escolas brasileiras. Consideramos que a escola deve preparar para o viver bem, faz parte do viver bem saber lidar com as múltiplas escolhas, que se apresentam também no campo da sexualidade [...] (CARRADORE; RIBEIRO, 2006, p.95). Desta feita, para chegarmos a uma autêntica compreensão da sexualidade devemos ir além dos discursos subjetivistas, dos biologismos, e dos higienismos ou moralismos.

Entretanto o que observamos é que a instituição escola ao invés de atuar no campo da sexualidade, em todos os níveis possíveis de ação, se reduz a discussões abordando o assunto a partir do ponto de vista biológico. Ao se tratar de anticoncepção, é ressaltada apenas a

utilização de métodos contraceptivos como única forma de se evitar uma gravidez precoce ou "indesejada".

Uma educação sexual sólida e respeitosa na infância ajuda os adolescentes a lidarem melhor com seus corpos e com suas dúvidas, promove a emancipação de adultos e idosos que poderão vivenciar plenamente sua sexualidade e assumir o relevante papel como educadores sexuais. Ressaltamos a importância de o contexto escolar abrir espaços para que os jovens ampliem seus conhecimentos sobre a vida sexual e sobre a própria sexualidade, bem como possam debater os tabus, os preconceitos e a sexualidade em geral, a partir de uma perspectiva histórica, obtendo, assim, uma visão mais crítica e contextualizada do assunto.

Diante do que foi explanado, no próximo tópico será abordado o papel da Educação em sexualidade¹ em ambientes formais e informais; porém, será dada ênfase em como a educação sexual pode se desenvolver numa abordagem emancipatória em ambientes não formais através de profissionais que desempenham papel fundamental através de orientações e esclarecimentos.

2.2 Uma análise da Educação em Sexualidade em ambientes formais, informais e não formais.

Diante das peculiaridades deste mundo globalizado em que vivemos, a educação exerce um papel importante na preparação do ser humano no que se refere ao desenvolvimento de suas atividades ao longo da vida. Faz-se necessário, então, uma educação que dê suporte aos vários aspectos do ser, sejam eles econômicos, sociais, científicos e tecnológicos. A seguinte seção discutirá sobre os três tipos de educação: formal, informal e não formal, seus conceitos e objetivos, e a contribuição dos diversos espaços educativos onde ocorrem. Apresentará as três modalidades de educação e como se desenvolvem pedagogicamente na abordagem da educação em sexualidade.

2.2.1 Educação em sexualidade em ambientes formais

Para iniciar esta pesquisa, iremos conceituar o termo Educação Formal, que, em breve definição, “[...] compreende o sistema educacional altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que vai dos primeiros anos da

¹ A educação em sexualidade é utilizada neste texto por se tratar de um conceito que amplia as discussões para além do âmbito reprodutivo, englobando questões sociais, culturais e econômicas ligadas à sexualidade.

escola primária até os últimos da universidade”. A educação formal acontece no “[...] território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadas, organizadas segundo diretrizes nacionais” (COOMBS, 1975 apud TRILLA, 2008, p. 32).

Geralmente, a diferença entre formal, não formal e informal é estabelecida tomando por base o espaço escolar. “Assim, ações educativas escolares seriam formais e aquelas realizadas fora da escola não formais e informais” (MARANDINO; SELLES; FERREIRA, 2009, p.133). Segundo Gohn (2006, p. 28),

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2006, p. 28).

Sendo assim, a educação formal tem um espaço próprio para ocorrer, ou seja, é institucionalizada e prevê conteúdos. Quanto aos objetivos da educação formal, o autor destaca o “ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados”, que preparam o indivíduo para atuar em sociedade como cidadão ativo. Segundo Gohn (2006, p. 31), os resultados esperados para a educação formal são a aprendizagem e a titulação.

O debate sobre a educação em sexualidade em ambientes formais como a escola, (Carrara, 2007) não é novidade no Brasil (Ribeiro & Reis, 1993; Rosemberg, 1985; Figueiró, 1998; Werebe, 1977). Desde a década de 60, há propostas governamentais que propõem a discussão da sexualidade a partir de aspectos biológicos, morais e até religiosos. Contudo, é a partir da década de 90 que a inserção da sexualidade na Educação ganha força.

É válido ressaltar que nesse âmbito, para uma abordagem emancipatória da sexualidade, a escola deve permitir o debate acerca de questões conflituosas, propondo uma abordagem que entenda o sexo e a sexualidade enquanto prazer e não como algo fabuloso e abstrato. Nesse sentido,

as políticas que colocam a educação em sexualidade na escola são contraditórias no que dizem respeito ao trabalho do professor, pois na prática pressupõem que a responsabilidade por conduzir o desenvolvimento da temática em sala de aula é quase exclusivamente do trabalho destes profissionais da Educação, sem a garantia de uma necessária formação, supervisão, além da exigência de coerência teórica e metodológica (ROSISTOLATO, 2003; PATANÉ, 2009).

Desta feita, a educação em sexualidade é concebida, por grande parte dos educadores, como algo intangível. Centenas de anos de repressões, milhares de anos de uma cultura que relegou a sexualidade ao plano do sujo e do pecaminoso e agora se cria uma lei para

educar para a sexualidade, como se a lei simplesmente bastasse para a mudança de comportamentos secularmente reafirmados. Há a necessidade de debates que promovam a sexualidade como construção social, histórica, cultural e, portanto, indissociável do discurso escolar, tendo em vista que a sexualidade humana é um assunto cercado de mitos e tabus, e biopsicossocialmente construído.

Diante de tal realidade, pensar em sexualidade na escola implica em, muitas vezes, reconsiderar posições, conceitos e pré-conceitos. Para Bonfim (2012), a educação em sexualidade é um processo educativo que possibilita a formação de valores e atitudes referentes à forma que vivemos a nossa sexualidade. Ela deve vir acompanhada de conceitos biológicos, anatômicos e fisiológicos, mas, acima de tudo, de aspectos sociais e culturais, envolvendo a discussão de preconceitos, tabus e dilemas. A autora afirma ainda que

A educação sexual é, antes de tudo, uma prática ou ação de transmissão de conhecimentos, representações, valores e práticas, ou seja, é essencialmente uma forma de educação. E como prática educacional é uma questão cultural, histórica e social, seu entendimento é marcado pelas mudanças ocorridas no modo de produção basilar da sociedade, envolvendo, além da dimensão biológica, a subjetividade, a afetividade, a ética, o desejo, a religiosidade, entre outras dimensões (BONFIM, 2012, p. 36).

Isso reforça que a escola tem um papel importante de educar e preparar as crianças e os adolescentes para o amanhã, com informações importantes que serão utilizadas no futuro. Com isso, nada mais coerente, por parte da educação escolar, que educá-los também na parte sexual. Porém, o que observamos na prática é que a sua implementação não atinge o seu real objetivo, não só por falta de aprofundamento teórico por parte dos educadores, como também por falta de educação continuada, contribuindo, assim, para a utilização de conceitos de senso comum e vivências, demonstrando uma concepção de falha no ensino.

Na perspectiva de Alcobia, Mendes, & Serôdio (2004), a educação em sexualidade deverá contemplar em primeira análise uma abordagem do desenvolvimento humano, dando atenção à constituição e ao funcionamento dos aparelhos reprodutores feminino e masculino, e em segunda análise a exploração de vários temas relacionados com a sexualidade.

Segundo os autores citados, esta hierarquização faz sentido, na medida em que primeiro é preciso conhecer o corpo e o seu funcionamento, para que depois se possa trabalhar a sexualidade como uma forma de conscientizar os indivíduos a fazer escolhas saudáveis e definir opções de vida. Por outro lado, segundo a UNESCO (2010), o desenvolvimento humano é um dos conceitos chave em educação em sexualidade, a qual deve integrar os tópicos sobre crescimento e desenvolvimento, anatomia, fisiologia sexual e puberdade.

Já Britzman (2000) discute as relações entre sexualidade, curiosidade e liberdade, apontando a necessidade de uma educação sexual baseada na curiosidade e na capacidade de exploração que crianças e jovens podem ter quanto ao sexo. Respalhada nas teorias Freudianas, Britzman diz que a curiosidade infantil sobre a sexualidade é a base para a construção de um pensamento exploratório, fundamental para a estruturação de conhecimentos.

Nunes (1997) afirma que não haverá uma educação em sexualidade adequada das crianças e dos adolescentes sem um coerente processo de reeducação sexual do adulto. Ele ressalta a necessidade de uma compreensão e de uma reeducação sexual. Assim como a reeducação alimentar é necessária numa sociedade que troca uma refeição principal por um *fast food*, a reeducação sexual é necessária em um mundo que desconhece sua sexualidade, a comercializa, e a torna objeto de compra e venda.

Nesse sentido, as discussões talvez sejam as mais polêmicas por envolverem conceitos dogmáticos, especulativos, preconceituosos, limitados e conservadores; ou seja, muito mais que conceitos científicos diversos, tendo em vista que os que ensinam estão perdidos na mesmice, ou na vergonha, ou pela escuridão dos pudores ou dos falsos moralismos.

A legislação indica a educação em sexualidade como tema a ser discutido em aula; porém, sem políticas públicas que permitam que isto ocorra livre de crenças, tabus e preconceitos. E, embora seja lei educar ou orientar, como dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para a vivência da sexualidade, esse trabalho não é feito nas escolas públicas de muitos municípios brasileiros. “O silêncio da escola e a superficialidade com que tem tratado assuntos relevantes para a vivência sexual de seus alunos são, no mínimo, motivos de preocupação e de questionamentos [...]” (SILVA, 1995, p. 3). Urge assim, a necessidade de ações conscientes e livres das repressões seculares para uma educação em sexualidade responsável, consciente, humana e emancipadora que os jovens precisam.

Na nossa realidade percebemos que os educadores, em sua grande maioria, apresentam grandes dificuldades em tratar das questões da sexualidade com os alunos; dificuldades estas que tem raízes profundas e antigas, tendo em vista que estão condicionados, social e culturalmente, ao pensamento de que as manifestações do sexo são ocorrências vergonhosas, pecaminosas e desrespeitosas ao corpo.

Para alguns educadores, embora estejam cientes que a sexualidade é inerente ao ser humano, desde a sua concepção, se sentem desconfortáveis pela simples menção da palavra sexo, por isso que “ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola [...]” (BRASIL, 2001, p. 11). Apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental estabelecerem a Orientação Sexual como um dos temas

transversais, mesmo assim as escolas parecem relutar em incluí-la como uma das suas preocupações pedagógicas.

A educação sexual é para ser considerada uma prioridade nas escolas, e deveria envolver todos os docentes, independente de qual seja a sua área disciplinar. Destarte, ressaltamos que

A presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “Educação Sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1999, p. 81).

Apesar disso, sabemos que a maioria dos professores tem dificuldade em delinear estratégias para abordar os conteúdos sobre sexualidade da forma como a lei prevê. Os professores ainda acham o assunto incômodo ou se sentem despreparados para abordá-lo. De fato, observamos que os professores não recebem apoio ou orientação para falar sobre o assunto. Na maioria das vezes, tendem a falar da biologia da reprodução e não se aprofundam nos demais aspectos.

Uma das dificuldades que os educadores apresentam quando o assunto é educação sexual é o desconhecimento que demonstram de todo o processo evolutivo que envolve o desenvolvimento da sexualidade e, particularmente, da sexualidade entre humanos. Não conhecer esse processo evolutivo é fator preponderante para a dificuldade em abordar o assunto. Essa falta de conhecimento impede que se tenham opiniões formadas e tranquilidade ao abordarem a temática. Diante de tal realidade, o trabalho sobre sexualidade deve perpassar temáticas que envolvem desde o descobrir do próprio corpo até o ato sexual em si.

Ressaltamos que a educação escolar representa o caminho para o estabelecimento de uma Educação em Sexualidade que vise o respeito à livre orientação sexual em consonância com relações igualitárias de gênero, classe, raça/etnia, bem como a construção de um ambiente pedagógico onde os conhecimentos científicos acerca deste assunto possam ser difundidos com domínio e propriedade.

No que se refere às práticas curriculares escolares que tratam das questões da sexualidade é necessária a superação de uma educação sexual apenas na perspectiva da reprodução da espécie humana, da prevenção da gravidez na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis. É necessário um olhar diferenciado para a perspectiva de uma educação sexual orientada também para a realização saudável e responsável da afetividade, dos desejos e dos prazeres. Esta tarefa deve ser um processo contínuo e não ser caracterizado por atividades pontuais e esporádicas.

Para Vitiello (1994), “a educação em sexualidade é o processo educativo especificamente voltado para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade”. Dessa forma, a educação sexual visa levantar argumentos sobre a sexualidade, no sentido de demonstrar evidências para que seja compreendida como algo existente e predominante no aspecto histórico-cultural, apresentando conhecimentos para o entendimento das crenças e preconceitos que foram criados ao longo da história (DINIS & ASSINELLI-LUZ, 2006). Enfim, cabe a cada educador aprofundar, compreender, e disseminar conhecimentos para que a vivência da sexualidade seja menos traumática para os jovens.

Desta feita, diante da limitação apontada acima sobre a educação em sexualidade em ambientes formais, ressaltamos a necessidade de a temática da sexualidade ser debatida também em ambientes não formais e informais, pois a simples orientação desmistificando mitos e tabus, bem como legitimando o prazer sexual, pode resolver uma parcela das dificuldades sexuais, em especial de mulheres mais jovens e daquelas que ainda não tiveram repercussão da sintomatologia disfuncional na vida como um todo.

2.2.2 Educação em Sexualidade em ambientes informais

Para autores como Marques (2002) e Rocha (2008), existe um espaço próprio onde a educação trata do conhecimento científico. Esse lugar são as escolas, com os seus níveis de ensino, suas regras e seus procedimentos. Entretanto, ela não pode mais se ater somente a esse espaço. Faz-se necessário lançar mão de outros ambientes onde se promova a educação informal e não formal, sobre as quais trataremos abaixo.

A educação informal perpassa todas as relações de aprendizagem do nosso cotidiano, seja em uma roda de amigos ou no ambiente familiar (GADOTTI, 2005). A educação sexual é um processo constante. Ela pode ocorrer de modo não intencional, nas mensagens cotidianas de cada sociedade e cada cultura, presente nos discursos familiares, religiosos, midiáticos (músicas, programas de televisão), nos comentários diversos etc.

A educação informal constitui-se de “[...] um processo, que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimento, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio”. (COOMBS, 1975 apud TRILLA, 2008, p. 32). Isso reforça que todos os participantes da sociedade, de certa forma, são responsáveis pela formação de conceitos, já que independente dos espaços destinados à educação, todos vivenciamos a educação informal o tempo todo.

A educação informal é “[...] aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (COOMBS, 1975 apud TRILLA, 2008, p. 32). A educação informal pode ocorrer em vários espaços, envolvendo valores e a cultura própria de cada lugar. Não há dúvida de que os primeiros educadores sexuais são os próprios pais, porque a eles compete a maior responsabilidade na formação dos seus filhos (JANEIRO, 2008).

Processos educativos ocorrem o tempo todo e em todos os lugares. Seja por meios formais ou informais, educar é extrair de uma pessoa algo que a transforme e que liberte suas potencialidades criadoras (...). As pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo, de acordo com o educador Paulo Freire (2011). De fato, aprendemos todo o tempo a partir da relação que estabelecemos uns com os outros.

Destarte, a educação informal tem como objetivo socializar os indivíduos e desenvolver hábitos e atitudes (GOHN, 2006, p. 29). Segundo Gohn (2006, p. 31), os resultados esperados para a educação informal, acontecem a partir da visão do senso comum. A educação informal se caracteriza pela ausência de qualquer planejamento, formalidade e institucionalização, na qual os sujeitos não têm percepção de seu envolvimento em uma relação educativa permanente e ininterrupta e não têm a intencionalidade de educar (GARCIA, 2009).

O acesso à educação informal, quando o assunto é sexualidade, é feito nas rodas de amigos, nas buscas por curiosidades na internet, nas transmissões televisivas de conteúdos sensual ou sexual, nas revistas para o público jovem e/ou adulto etc. A construção histórico-cultural dos conceitos de sexualidade ocorre através de diferentes formações, mas é permeada e regida constantemente pela ‘ordem social’, ou seja, toda sociedade contribui, por meio da educação informal, para a formação de conceitos e condutas vinculados à sexualidade (DINIS & ASSINELLI LUZ, 2006).

Entre as instituições que podem realizar a educação em sexualidade do indivíduo encontra-se a família, que se apresenta como a primeira instituição social em que o ser humano é inserido após seu nascimento, além de outras, tais como a escola e a igreja. Sem dúvida, seja através de instituições formais, tal como a escola, ou não, o ser humano sempre recebe algum tipo de educação em sexualidade, ainda que os sujeitos que a transmitam não tenham consciência de que o fazem.

A família é muito importante no processo de descobertas e mudanças do adolescente, bem como em sua educação sexual, que deve ser realizada diariamente pelos pais ou responsáveis legais, de forma simples, objetiva e a evitar constrangimentos (FREITAS,

2020). Algumas famílias assumem um modelo de educação sexual que consiste na omissão completa destes temas nas conversas entre pais e filhos, possivelmente porque eles próprios não se sentem à vontade para dialogar.

Desde muito cedo, os pais se encarregam de educar sexualmente seus filhos de maneira informal, passando seus valores e crenças através da convivência. A educação sexual praticada pela família muitas vezes tem como base a imposição de autoridade sob o exercício da sexualidade dos filhos, ao mesmo tempo em que se apresenta a eles como modelo ideal de comportamento sexual. A família normalmente é especialista em vigilância repressiva.

Mesmo pais indulgentes e liberais tornam-se extremamente autoritários quando a questão é a sexualidade dos filhos. Um exemplo é quando por meio de um olhar fixo o adulto sinaliza à criança o que deve ou não fazer, ou ainda, quando o silêncio predomina no ambiente e ensina a criança que sobre sexo ou sexualidade não se deve conversar. Educar, portanto, trata-se do ato de ensinar e aprender sobre determinado assunto mesmo que de maneira não planejada.

Sexualidade é parte indissociável da vida, e tendo em vista que o ser humano é educado sexualmente desde o seu nascimento, a maneira como recebe estes ensinamentos influencia diretamente na vivência da sua sexualidade, pois a forma de pensar sobre a própria sexualidade se origina da realidade concreta em que está inserido e das relações que ali se estabelecem. Todas as crianças são seres sexuados, desde o útero materno, sem exceção, e estão vivendo em suas famílias, que é o meio em que vivem um processo permanente de educação sexual. Nesse sentido, Souza (2002) ressalta que “Educar sexualmente significa orientar a criança para que passe pelas fases de evolução de sua sexualidade de forma que sua vida afetiva se estruture de modo sadio” (SOUZA, 2002, p. 15).

Romero (1998) afirma que não existe um só modelo padrão do que se possa chamar de educação sexual. Isso porque, a partir da história pessoal e da aprendizagem social é que se constroem as concepções sobre tudo, inclusive sobre sexualidade. Simultaneamente, as relações sociais favorecem trocas intensas de informações sobre normas de condutas. Ao longo de nossa existência, em todas as nossas relações sociais, fomos construindo e sendo construídos, elaborando histórica e culturalmente discursos, regras, modelos, posturas, exigências, códigos em torno do sexo, tornando a sexualidade muitas vezes permeada de tabus, mitos e preconceitos que se perpetuam até os dias atuais e que dizem respeito a determinados interesses das diferentes épocas, muitas vezes desconsiderando as relações sexuais como sendo também relações sociais. Para Ribeiro (1990),

A educação sexual - constituída pelo e em processos culturais contínuos que, desde o nascimento, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes

atitudes e comportamentos, ligados à manifestação de sua sexualidade. Essa educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com os amigos, pelos meios de comunicação etc. É a própria evolução da sociedade que determina os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a educação sexual do indivíduo. (RIBEIRO, 1990).

Nessa perspectiva, é importante ressaltar a influência dos amigos como a mais importante para formação dos conceitos sobre sexualidade. Trata-se dos companheiros mais próximos dos adolescentes, aqueles que compartilham informações a partir de uma mesma linguagem e dos mesmos interesses. Percebemos, então, que sexualidade é um processo constante de seres humanos que se educam nas relações sociais.

Até mesmo o ambiente escolar envolve aprendizagens informais no seu cotidiano, pois ao proibir ou permitir certas manifestações, ao optar por informar os pais sobre as atitudes do seu filho, ao reforçar ou desencorajar um comportamento ligado aos papéis sexuais, a escola está sempre transmitindo valores, mais ou menos rígidos, de acordo com a sua cultura e com as crenças dos seus profissionais. Além de tudo isso, crianças e adolescentes também observam e imitam os comportamentos de pessoas que têm significado para eles, no caso, o professor.

Louro (1997) esclarece que a escola é um espaço de criação de distinção, um espaço que educa os corpos de acordo com seu gênero, sua classe, sua raça. Segundo a autora, a escola diferencia o que se espera de meninos e de meninas, direcionando as brincadeiras, assim como definindo quais são as atitudes e os comportamentos permitidos e esperados para cada aluno. Com isso, percebemos que a presença da sexualidade na escola independe da intenção manifestada ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de educação sexual, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (SANTOS & ARAUJO apud LOURO, 1997, p. 81). Todas as vertentes pedagógicas de educação em sexualidade perpassam cada um de nós. Assim, tais lembranças também estão presentes nas relações educacionais, seja na família ou na escola.

Sobre os meios de comunicação em massa, como programas de rádio e de televisão, estes também têm um importante papel na divulgação da sexualidade a nível informal. Como exemplo, podemos citar o final da década de 1970 e o início da década de 1980, quando Maria Helena Matarazzo e Marta Suplicy, ambas com formação específica na área da sexualidade se destacaram no campo da Educação Sexual e da Sexologia no país. Maria Helena Matarazzo trabalhou em um programa de rádio diário sobre Educação Sexual na Rádio Globo e em dois serviços de orientação sexual por telefone, ao passo que Marta Suplicy dialogava abertamente

sobre sexualidade em um programa da Rede Globo, o TV Mulher (BEDIN, 2016; RIBEIRO, 2004; RUSSO; ROHDEN, 2011).

A internet também transmite aprendizados sobre sexualidade, pois com o avanço da tecnologia, as salas de bate-papo deram espaço para os aplicativos de relacionamentos, os quais atualmente contam com um número significativo de seguidores; porém, o que não avançou muito foi a maneira de se relacionar. Percebemos que muitas relações passaram a ser descartáveis. Os relacionamentos tornaram-se mais frios, o olho no olho deixou de existir para muitos, o jogo de paquera, conquista e sedução tornou-se coisa do passado. Esses recursos tecnológicos proporcionam com muita facilidade e agilidade encontros e sexo casual; porém, é importante frisar que a geração que desfruta dos recursos não provém de uma educação em sexualidade emancipatória, livre e libertadora, pois muitos transferem a carência afetiva e a fragilidade emocional para relacionamentos vazios e se frustram.

Percebemos que através dos meios de comunicação em massa, como internet, programas de televisão e rádio, adquirem-se conhecimentos, formam-se atitudes e valores em relação à sexualidade em todas as formas de suas manifestações, ou seja, desde aspectos biológicos e de reprodução, a erotismo e identidade de gênero e representação social. Revistas apresentam como ter orgasmo, como achar o *ponto G*, como enlouquecer seu homem, sua mulher etc. É obrigatório deixar de ser virgem. É obrigatório transar por transar. Isto é, a sexualidade é vista como uma questão de produtividade e técnica.

É o consumo de relações em que todos são usados como mercadorias sexuais. Naturaliza-se o sexo como mercadoria, tendo em vista que ele se apresenta como algo mecânico e deserotizado. É uma aparente liberalização e descompressão das práticas sexuais. Não é raro ver, por exemplo, propagandas que se utilizam do corpo de homens e mulheres para vender produtos que, teoricamente, não teriam relação alguma com a sensualidade. Tanto que muitas pessoas e organizações se pronunciam contra os veículos de comunicação que se utilizam, por exemplo, do corpo de uma mulher para vender cervejas ou automóveis, ou do corpo de um homem *sarado* para aumentar a audiência das novelas.

Nos programas e em outros tipos de produções, percebemos que o conhecimento sobre a sexualidade é explicitado de forma superficial e vazia, não a considerando como uma construção sócio-histórico-cultural. Hoje as mídias como *blogs*, sites de relacionamento e e-mails são algumas das formas utilizadas, por excelência, como instrumentos formadores de valores éticos sexuais.

Finalmente, o trabalho de educação em sexualidade, para que seja efetivo, deve abranger a família, os espaços educativos e o Estado através de projetos em nível governamental que envolvam essas esferas.

2.2.3 Educação em Sexualidade em ambientes não formais

Embora grande parte da educação se processe na escola, de forma organizada e com propósitos bem definidos como já visto anteriormente, existem também outras formas de educação fora do espaço escolar, com iguais preocupações pedagógicas, que contribuem, direta ou indiretamente, para a educação. Simson (2001) afirma que: “não existem muitas reflexões teóricas ou pesquisas empíricas que tratam do tema. Todavia, é possível elaborar uma fundamentação teórica para melhor evidenciar no que consiste a educação não-formal” (Simson, 2001, p. 09-10).

No Brasil, a origem e divulgação da expressão “educação não formal” aconteceu com maior ênfase a partir das décadas de 60 e 70 do século XX. Essa modalidade de educação surgiu devido alguns fatores econômicos, políticos e sociais da época, ou seja, buscou atender algumas necessidades, tais como:

O crescente aumento de demanda em educação em face da incorporação de setores sociais tradicionalmente excluídos dos sistemas educacionais convencionais (adultos, idosos, mulheres, minorias étnicas, etc.). Transformações no mundo do trabalho que obrigam a operacionalizar novas formas de capacitação profissional (reciclagem e formação continuada, recolocação profissional, etc.) [...] “(TRILLA, 2008, p. 19).

No sentido de aprofundar os estudos sobre a educação não formal, a autora Gohn (2006, p. 03) exemplifica as áreas (espaço físico) de atuação da educação não formal. Esclarece que esta acontece por meio de várias dimensões, como a educação difundida pela/na mídia, capacitação para o mercado de trabalho, solução de problemas do meio que o cerca no dia a dia, entre outras formas (a intencionalidade é um ponto importante de diferenciação da educação informal). A educação não formal se constitui de “[...] toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como infantis”, (COOMBS, 1975 apud TRILLA, 2008, p. 32).

A educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos. “A finalidade da educação não formal é proporcionar conhecimento sobre o mundo que envolve os indivíduos e suas relações sociais” (GOHN, 2006,

p. 29). Segundo Gohn (2006, p. 31), os resultados esperados para a educação não formal envolvem o desenvolvimento de vários processos.

De acordo com Garcia (2009), em se tratando de educação não formal, a flexibilidade de tempo e conteúdos são características fundamentais, ocorre em uma área não-escolar tendo maior envolvimento com a comunidade e ligação com as práticas do cotidiano, possibilita uma participação voluntária e atemporal e favorece a transformação pessoal e social. Portanto, na educação não formal, os conteúdos a serem trabalhados são direcionados pelo próprio educando que dá indícios de quando aprofundar e/ou prosseguir com os temas determinados.

É nesse contexto que o conceito e o conhecimento acerca da educação não formal têm sido cada vez mais abrangentes, pois esta modalidade de educação transpõe os limites da educação escolar quando o contexto social precisa de outros espaços de formação que permitam “uma espécie de complementaridade, uma espécie de partilha de funções, de objetivos, de conteúdos entre os diversos agentes educacionais.” (TRILLA, 2008, p. 46). Como afirma Garcia (2003, p. 126), “o surgimento da educação não-formal não se dá com o objetivo de ocupar o espaço ou substituir o papel da educação formal (...), mas para dividir e partilhar os diferentes fazeres desse novo tempo”.

Assim, para além da escola, existem outras instituições que se dedicam a essa temática em contexto não formal, de uma forma mais lúdica e atrativa para a maioria do público. Podemos citar, nesse caso, os centros de ciência, nos quais são desenvolvidas determinadas atividades que promovem a curiosidade, bem como a discussão de temáticas relacionadas com a ciência, até mesmo a sexualidade.

Estes são concebidos para fazer divulgação de explicações de aspectos científicos, em que os visitantes são incentivados a manipular e a mexer em montagens e simulações diversas. Dessa forma, expandem o seu espírito crítico, tornando-os mais aptos a tomar decisões e a julgar novas descobertas científicas (MENDES, 2010). O objetivo desses centros é aumentar o interesse e a participação na ciência e na tecnologia.

No que se refere à Educação em Sexualidade ser trabalhada em ambientes não formais, isto se efetiva de diversas maneiras, tais como através de intervenções pontuais, agindo diante de um fato ou de uma solicitação do público; através de palestras, que é uma atividade coletiva, sem necessidade de limitação de número de participantes que visa sensibilizar os alunos diante de um determinado tema; e também com trabalhos em oficinas temáticas, que é um trabalho que se caracteriza pela participação das pessoas na construção do saber sobre um determinado tema.

É importante que trabalhos nesse contexto estejam pautados em estudos sobre a sexualidade, haja vista a necessidade de problematizar, questionar, dialogar e compreender os elementos culturais, sociais e históricos que constituem esse aspecto da vida humana. Isso implica ajudar o educando a encarar a sexualidade como algo bonito na vida das pessoas, buscando eliminar a visão que considera como algo “sujo”, “feio” e “vergonhoso”, ou seja, lutar contra a banalização do sexo e os discursos consumistas.

Nesse contexto, torna-se necessária a ativação de espaços que permitam reflexões e discussões para que as pessoas possam expor suas dificuldades e seus anseios, bem como favorecer um saber compartilhado.

Outro ambiente que promove a educação não formal são os museus, que através de exposições interativas promovem não somente situações de aprendizagem, como também o interesse pela ciência, permitindo a aprendizagem de vários conteúdos relacionados com diversas áreas da ciência, até mesmo da sexualidade. Percebemos o estímulo emocional e lúdico que, na conjuntura atual, a escola nem sempre consegue fornecer para sua comunidade estudantil.

Gohn (2006) ressalta a importância da educação não formal em estar “voltada para o ser humano como um todo”, no entanto, afirma que esta poderá complementar a educação formal, por meio de programações específicas, e fazendo uma articulação com a comunidade educativa. Vieira (2005) define a educação não formal como:

aquela que acontece fora do ambiente escolar, podendo ocorrer em vários espaços, institucionalizados ou não: Assim, a educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido (VIEIRA, 2005, p. 21).

Então, percebemos que embora as modalidades educativas tenham objetivos bem similares, a educação não formal tem objetivos próprios relacionados à forma e ao espaço em que se realizam suas práticas. Para Gohn (2006), ao passo que na educação formal quem educa é o professor, na educação não-formal, “o grande educador é o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos” (GOHN, 2006, p. 28, grifo da autora).

As escolas são os espaços territoriais da educação formal que necessitam de um currículo específico, que se justifique e que respeite a ordem hierárquica, já a educação não formal é menos burocrática, pois “os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas” (GOHN, 2006, p. 29).

A escola não consegue sozinha dar conta das múltiplas informações sobre sexualidade ocorridas a cada momento no mundo. Cada vez mais, quem trabalha na área da educação tem consciência que a educação formal escolar não pode atender a todas as dimensões da complexa educação atual, por isso, a educação não-formal tem hoje o necessário papel de complementá-la. Torna-se necessário, então, estabelecer parcerias e utilizar outros espaços educativos, presentes na comunidade, para que os estudantes tenham uma educação em sexualidade mais contextualizada.

Diante de tal realidade, estes ambientes não formais exercem a responsabilidade de oferecer educação em sexualidade aos jovens que precisam aprender a cuidar do próprio corpo, estabelecer vínculos amorosos e sexuais saudáveis, ter atitudes conscientes que previnam uma gravidez indesejada ou o contágio de doenças para que possam usufruir de forma gratificante e plena a sexualidade. É importante ensiná-los a ter uma vida sexual saudável e, ao mesmo tempo, prazerosa.

A educação em sexualidade em ambientes não formais é uma proposta na forma de trabalhar a saúde sexual e reprodutiva através de levantamento de questões sobre atitudes, discussão de sentimentos, desmitificação de preconceitos, com foco em desenvolver competências para a tomada de decisões, contribuindo para o crescimento do indivíduo como um todo, para a vida. Essa compreensão contribui para a promoção de condutas e valores particulares e individuais, contribuindo também para um reforço da autoestima, bem como para o esclarecimento de dúvidas, contornando, assim, a ignorância, o medo de aceitação, e a intolerância.

Qualquer organização educativa que busque vivenciar um paradigma emancipatório é um espaço possível de vivências de uma educação em sexualidade compreensiva que busque refletir a dinâmica da sexualidade a partir da visão do ser humano como um todo, em suas dimensões de pessoa e cidadão, promovendo a sexualidade como um bem individual e social, construído historicamente pelos homens em suas relações sociais, ao produzirem seu modo de vida.

Essas reflexões no campo da sexualidade podem ser trabalhadas inicialmente por dinâmicas, podendo ser estas de descontração, lúdicas ou temáticas, objetivando a introdução aos conteúdos. Podem ser utilizados também, vídeos, curtas-metragens, textos ou outros instrumentos que venham aprofundar o debate e facilitar a dialogicidade. As discussões devem ser mediadas pelo educador, sem a apropriação de uma só verdade, de forma a estimular as pessoas a expor seus conceitos e ideias e, a partir destes, gerar o debate e o aprofundamento teórico. Conforme explica Ribeiro (1990):

O processo deve ser de troca e não de informação-recepção unilateral. A filosofia de trabalho deve ser guiada pela busca de desmistificação dos estereótipos sexuais (por exemplo, o machismo e a pré-determinação dos papéis sociais em função de cada sexo; a dupla moral sexual; a discriminação social pelo fato de ser mulher), através da procura do equilíbrio entre posições radicais de extrema moralidade ou vulgaridade. (RIBEIRO, 1990, p. 20).

Ressaltamos que para que ocorra essa troca de informações e equilíbrio nos posicionamentos, se faz urgente uma abordagem emancipatória que seja caracterizada por perceber na educação sexual um compromisso com a transformação social, encaminhando as discussões para as questões que envolvem as relações de poder, aceitação e respeito pelas diferenças, sem deixar de lado a vivência pessoal positiva e saudável da sexualidade.

Podemos dizer, então, por fim, que a implantação de projetos de educação sexual em âmbitos não formais contribuem para que crianças, jovens e adultos tenham uma vida mais integrada, saudável, com uma melhor autoestima e maior conhecimento do próprio corpo. Diante do que foi explanado, no próximo tópico será abordado como o tantra tem auxiliado as pessoas a realizar transformações internas de valores, na forma de ver e de viver a sua sexualidade, visando uma nova sociedade fundamentada na integração do indivíduo ao coletivo, com responsabilidade.

2.3 Tantra para mulheres: o contemplar de novos horizontes de libertação

Como relatado no capítulo anterior, a negação do sexo faz com que o número de pessoas com transtornos sexuais cresça e atinja grande parte da sociedade. Enquanto certas pessoas sofrem caladas, outras desenvolvem doenças psicossomáticas, tornam-se agressivas e/ou abusadoras, algumas ficam deprimidas chegando ao suicídio, já outros buscam no tantra a cura das suas mazelas. De acordo com o site Forte de Luz:

[...] o ser humano, em sua grande maioria, teve seu sexo machucado e violentado ao longo dos séculos. Uma cultura patriarcal e dominadora que impregnou a alma das pessoas com conceitos de pecado e perverso. Isso fez com que o sexo ganhasse uma conotação somente corpórea ligada à procriação (Forte de Luz, 2020a s/p).

Diante de tal realidade, a psicologia ocidental chegou a uma conclusão de que a doença humana básica está em algum lugar ao redor do sexo, de que a insanidade básica do ser humano é orientada pelo sexo. Assim, a menos que essa orientação pelo sexo seja dissolvida, o ser humano não pode ser natural e normal.

O ser humano anda errado somente devido às atitudes a respeito do sexo (OSHO, 2001, p. 11). Podemos citar a nossa cultura judaico-cristã que devido a uma sobrevalorização

do masculino em detrimento do feminino colaborou para as decorrentes repressões na história de nossa sexualidade.

Se o corpo é negado, tudo é negado. E se o sexo é negado, então você estará sentado em cima de um vulcão prestes a explodir na sua forma mais violenta. Por isso temos uma sociedade agressiva, uma cultura de ódio e violência. Tudo porque o sexo está sendo negado (FORTE DE LUZ, 2020a s/p).

Diante disso, o tantra ao combinar a sexualidade e a espiritualidade, corrige atitudes repressivas ocidentais em relação ao sexo. Para auxiliar nesse processo, o tantra baseia-se no amor e no respeito, princípios estes que trazem a consciência para a liberação de dogmas, crenças limitantes, couraças e bloqueios que travam o desenvolvimento do ser.

De forma introdutória, para definir o tantra, baseamo-nos no conceito dado pelo site *Centro Metamorfose*, que explica que o tantra é um termo amplo, pelo qual antigos estudantes de espiritualidade na Índia designavam um tipo muito especial de ensinamentos e práticas que tiveram base em uma antiga sociedade. Com o passar do tempo, esses ensinamentos propagaram-se, misturando-se com diversas outras culturas e correntes filosóficas e religiosas como o Hinduísmo, o Vedanta, o Yoga, o Budismo, o Taoísmo, entre outras (SANGITO, 2020).

André Van Lysebeth (2002) acredita nas origens milenares do tantra e argumenta que esses conhecimentos já eram praticados por volta do ano 3.000 a.C., pelos povos pré-arianos que habitavam a região do Vale do Indo, e desde então, exerceriam ampla influência sobre a religiosidade indiana.

Importante ressaltar que o tantra original é uma filosofia milenar de transmissão oral; entretanto, os dinamismos históricos contribuíram para que o tantra chegasse ao ocidente, através de novas formas de expressão. Este trabalho traz para a escrita o novo tantra ocidental, também conhecido como neo-tantra: terapia orgástica, terapia do prazer e terapia tântrica, dentre outros nomes. A terapia tântrica é praticada em cursos livres de ambientes não formais e aplicada em consultórios e espaços terapêuticos através de vivências que expandem o horizonte da sexualidade, trazendo para esse campo, noções sobre consciência, conhecimento de si, presença, corpo e sentimentos.

Para entendermos o significado do tantra é necessário identificar os múltiplos sentidos do termo tantra, advindo do sânscrito: “tan” (que significa expansão, estender, continuar) e “tra” (que significa libertação, conhecimento). Dessa forma, o termo tantra significa “expansão do conhecimento”. Seja como tratamento de problemas e disfunções, seja como um caminho de autoconhecimento, conhecer a terapêutica tântrica pode ser uma experiência libertadora. Sabe-se disso, pois de acordo com Osho (2001),

O tantra usa o ato sexual para tornar você inteiro, mas então você precisa entrar nele muito meditativamente, esquecendo-se de tudo que ouviu e estudou sobre o sexo, o que a sociedade, a igreja, a religião e os professores lhe disseram...esqueça-se de tudo e envolva-se nele em sua totalidade. Esqueça-se do controle. O controle é a barreira. Em vez disso fique possuído por ele; não o controle (OSHO, 2001, p. 38).

Percebemos que ao contrário da maioria das filosofias espiritualistas, no tantra o corpo é visto não como um obstáculo, mas como um meio para o conhecimento. Para o tantra, todo o complexo humano é vivo e possui consciência e, por isso mesmo, é merecedor de atenção, respeito e reconhecimento. Para tanto, usa mantras (vocalização de sons e ultrassons em sânscrito), e rituais que incluem formas de meditação.

Para Feuerstein (2006), o tantra remonta do séc. VII, como uma tradição altamente complexa, pois é uma filosofia muito antiga, originada na Índia. Para o autor, a filosofia tântrica era um tratado de rituais secretos indianos, acessível a todos, independentemente da casta ou condição social, que praticava meditação disciplinadamente, como caminho para a iluminação.

“Tantra é um termo sânscrito, a língua que está para o povo indiano assim como o Latim está para a língua Portuguesa. Possui muitos significados distintos, porém, relacionados entre eles, sendo os mais usuais “rede”, “teia” ou “tecido”. É uma palavra composta por duas raízes acústicas “tan” que significa expansão. Este radical também forma a palavra “tantu”, cujo significado é fio ou cordão. Enquanto um fio é alguma coisa extensiva, uma teia sugere expansão e “tra” libertação.” (FEUESTEIN, 2006, p. 15).

Feuestein (2006) sugere ainda que tantra também pode representar sistema, ritual, doutrina e compêndio. “Segundo as tradições exotéricas o Tantra é o que expande o jñãna, que pode significar conhecimento ou sabedoria”. (FEUESTEIN, 2006, p. 15). O autor ressalta que o tantra é uma filosofia comportamental, e que seus significados estão fundamentados neste quesito.

Nos primórdios, o tantra necessitou viver nos arcaibouços da cultura indiana porque era uma filosofia muito reprimida e perseguida na era medieval, período em que a Índia hinduísta era fortemente espiritualizada, e seus adeptos encontravam na filosofia tântrica a libertação de dogmas impostos.

Keesling (1998), em seu livro *A cura pelo sexo*, segue discorrendo sobre a sexualidade sagrada, ressaltando que durante a conexão sexual o indivíduo pode entrar em estado alterado de consciência no qual tudo fica mais claro, mais apaixonante e brilhante. Ainda segundo a autora, este estado de consciência alterado é o resultado da combinação da hiperventilação e da liberação de endorfina. Ela segue afirmando que para alguns casais a união

sexual (Maithunâ) é uma maneira de compreender sua conexão com um poder mais elevado, quer esse poder para eles seja Deus ou a deusa, natureza e bondade (KEESLING, 1998, p. 219).

Maithunâ é um termo em sânscrito que significa “união sexual”, que visa se chegar à transcendência. Não se configura como um simples ato sexual, pois é necessária toda uma preparação, para que ocorra um momento de total entrega, buscando a satisfação espiritual, por isso é considerado um encontro dos deuses personificados na figura humana. Tendo a finalidade de construir uma nova realidade sagrada, a ejaculação é proibida, pois se houver é considerado um desperdício de energia, de força vital que na realidade deve ser preservada. Portanto, para a Filosofia Tântrica, segundo Osho (2001), a sexualidade é pautada na seguinte descrição:

Essa é a definição tântrica da nossa sexualidade; o retorno à inocência absoluta, a unidade absoluta. A maior excitação sexual de todas não é uma busca por excitações, mas sim um esperar silencioso – completamente relaxado, completamente sem-mente. A pessoa está consciente, consciente apenas de estar consciente. A pessoa é consciência. A pessoa está contente, mas não há conteúdo nisso. E então há uma grande beleza, grande benção (OSHO, 2001, p. 12).

Tantra é uma filosofia milenar que utiliza a energia kundaline e o orgasmo como fonte de autoconhecimento, expansão da consciência e como fonte de cura pode ajudar no tratamento de diversos males nos aspectos físico, psíquico e emocional. A boa e consciente utilização da energia sexual promove a cura e o crescimento espiritual.

Para Osho (2007) a Energia Kundaline, ou Energia Sexual, é a mais forte e poderosa energia existente no ser humano, afinal é dela que fomos formados, uma vez que a procriação se dá através do ato sexual. Sua representação gráfica é de uma serpente enroscada na base da coluna, pois sua morada está no primeiro Chakra ou Chakra Básico.

Para Chandra (2001, p. 56), quase todas as escolas tântricas praticam o “despertar do poder da Serpente (kundalini Shakti)”. Uma força oculta que mantém o equilíbrio energético dos sete chakras principais ou, como define a autora, centro de forças ou “rodas”, além de todos os chakras secundários. Sua morada fica no Primeiro Chakra ou Chakra Básico, o Muladhara, situado na base da coluna vertebral, entre a vagina/saco escrotal e o ânus.

Chandra (2001) certifica que, segundo os ancestrais, a Kundalini é a manifestação da grande Deusa Shakti e pode ser despertada através de várias técnicas tântricas, como a respiração de renascimento, a massagem tântrica, a massagem nos chakras, além das meditações ativas de Osho. A kundalini despertada inicia sua subida através de um canal tríplice no centro da coluna vertebral, o sushummã, até a parte superior do crânio no Chakra Sahsrara, conhecido também como Chakra Coronário, “lótus de mil pétalas”, ou “Porta de Brahman”, no

qual penetra uma energia sublime, o fohat, que vem das alturas, das altas esferas (CHANDRA, 2001 p. 218).

A autora confirma que sua cor é verde esmeralda e que ela desce pelo centro da coluna para encontrar-se no meio do corpo, na altura do Anahata Chakra, ou Chakra Cardíaco, com a Kundalini, que está subindo. Ainda segundo Chandra (Op cit.), o tantra acredita que o despertar da energia Kundalini liga terra e céu, e que, a partir disto, o indivíduo obtém o equilíbrio e a harmonização do corpo que fica em sintonia com as vibrações sutis emanadas do cosmo, provocando estados de êxtase que transcendem o ego, o que é conhecido como estado de percepção consciente.

A autora ressalta que estas práticas só devem ser realizadas por Mestres Tântricos capacitados, pois

[...] a subida da Kundalini sem conhecimento devido de condução energética, pode trazer danos irreparáveis, causando um desequilíbrio irreversível a todos os chakras, podendo, inclusive, provocar loucura, estados catatônicos de ausência total e até a morte (CHANDRA, 2001. p. 232).

Feuestein (2006) ressalta que, como toda filosofia, uma das bases do tantra também é a busca pela verdade; porém, diferente das filosofias ocidentais, esta busca pela verdade é uma ferramenta para que o homem se encontre e não um caminho para a libertação ou salvação. Segundo a autora, o tantra possui, dentro do sistema desta crença milenar, inúmeros exercícios, rituais, posições e posturas sexuais que possuem objetivos de cura, conexão do sagrado com o profano, autoconhecimento e mudança de padrões repetitivos.

Dentre as várias técnicas que beneficiam a construção da identidade sacra do sexo, a autora cita a Massagem dos Chacras, o Coito Tântrico (Maithuna), o Abraço de Ligação com a Terra (Giro Tântrico), o Êxtase, o Coito Compartilhando a Respiração, e o Coito Olhando Fixamente nos Olhos do Parceiro (Tratak). Importante ressaltar que o Tantra é considerado uma filosofia milenar que utiliza a energia kundaline e o orgasmo como fonte de autoconhecimento, expansão da consciência e, como fonte de cura, promovendo o equilíbrio físico, emocional e espiritual.

“O Maithuna serve, inicialmente, para ritmar a respiração e facilitar a concentração; portanto é um substituto do pranayama e da dharana, ou melhor, seu suporte.”(ELIADE, 2012, p. 217, grifo da autora). De acordo com o tantra, durante a prática sexual, deve haver uma combinação harmoniosa entre técnicas respiratórias, domínio do pensamento e preservação do sêmen para acelerar o processo bioenergético que acontece no corpo sutil do praticante. Miercea Eliade (2012) insiste na ideia de que uma consciência estável, pacificada, é o resultado de uma

respiração ritmada e profunda, permitindo uma estabilização prânica que por sua vez, possibilita a retenção seminal.

Esse pensamento condiz com o pensamento tântrico de Osho (2001), que afirma que a energia sexual é a fonte de criatividade do ser humano. O pensador e filósofo Osho afirma que a energia sexual é a mais forte e poderosa que possuímos, que utiliza o orgasmo como fonte de autoconhecimento, expansão da consciência e cura. Que garante que a prática sexual se liga à espiritualidade e que o preenchimento nunca vem do outro, pois nada é externo: “Quero que eles conheçam a si mesmos, e que não sigam as expectativas dos outros. E o caminho está dentro” (OSHO, 2012, p. 28). Dessa forma, quando a sociedade entender que a sexualidade é sagrada, que o sexo é divino e que o orgasmo é fonte de cura e de conexão espiritual, as doenças serão tratáveis e o ser humano será um ser social realizado e feliz.

É importante ressaltar que o tantra não é sexo, religião, e muito menos pornografia. É necessário esclarecer que as literaturas encontradas à disposição do leigo, a respeito do tantra, têm visado o “marketing” do sexo, bem como alguns "gurus" do tantra reúnem grupos para experiências corporais que não raramente terminam em verdadeiros "bacanais". Isso ocorre não apenas porque é viável economicamente, mas também porque alguns autores se utilizam de má fé, uma vez que sabidamente alguns deles conhecem bem a matéria da qual se trata o assunto.

Não é por menos que hoje, ao se pronunciar a palavra “tantra”, alguns até mesmo se intimidam e se envergonham. Contrariamente a esse fato, um dos significados para o tantra é a expansão da consciência, modos de vida, sexualidade e atitude social. No sentido mais amplo da palavra, expressa uma filosofia de vida, uma cultura e/ou até mesmo uma preparação para a ação meditativa interior.

A característica comportamental do tantra está centrada na desconstrução de estereótipos e clichês culturais arraigados na cultura dominante indiana. Os textos tântricos expressam vozes que contestam as estruturas rígidas patriarcais, o papel social e familiar submisso da mulher, bem como a utilização depreciativa do corpo e da sexualidade e as normas e formas de se buscar o divino que excluem as “minorias” (castas inferiores, mulheres etc.).

O caminho da busca pelo tantra permite resgatar o poder de força e equilíbrio, pois ao realinhar o poder de criar – feminino – (shakti) com o de realizar – masculino – (shiva), permite acessar a sua verdadeira essência. Isso nos faz compreender que o tantra é uma ferramenta que conduz ao coração, pois ocorre o aprendizado de se amar, de sentir e de se permitir ter e fazer o que deseja, livre de dogmas e paradigmas.

Uma das técnicas utilizadas no tantra para fazer a pessoa cocriar sensações e realizações de vida, é através de meditações dinâmicas denominadas de vivências. Essa prática

vem ao encontro do reconhecimento interior, bem como da tarefa de aprender a sentir e a vivenciar terapeuticamente. Ocorre através da junção da musicoterapia e exercícios respiratórios (pranáyama), buscando os padrões de energia que estão em desequilíbrio colocando-o consciente no momento da vivência, proporcionando, então, um diálogo com suas próprias dificuldades trabalhadas e vivenciadas em grupo.

O objetivo primordial dessas vivências é fazer com que a pessoa reviva a sua sensualidade, que conseqüentemente faz com que a pessoa fique mais sensorial, bem como contribui para a retirada da ansiedade, rejeição, insegurança, timidez etc.; substituindo essas limitações do ser, por movimentos lúdicos que proporcionam êxtase e felicidade.

Uma das contribuições do tantra para a sexualidade da mulher é o fato de propor práticas que proporcionam o autoconhecimento através da expansão da consciência e do desbloqueio energético. Para Osho (2001), no caminho do tantra, a pessoa não precisa lutar de modo algum, mas sim entregar-se com consciência. Essa entrega leva ao rompimento dos padrões condicionantes que mantêm as pessoas em suas prisões pessoais.

Uma das características principais do tantra é o seu caráter sensorial e desrepressor. Por isso, através do tantra, a pessoa consegue romper conexões com o passado, reconhecer seu poder pessoal e renascer de si mesma, resultando no feminino curado, na sexualidade saudável e na plenitude orgástica em toda a sua essência. Osho (2012) complementa essa teorização ressaltando que a verdade está dentro de cada indivíduo e é encontrada através do processo de autoconhecimento e autoaceitação.

O Tantra diz: aceite-se como você é. Ele é uma profunda aceitação. Não crie uma lacuna entre você e o real, entre o mundo e o nirvana; não crie qualquer lacuna! Para o Tantra, não existe lacuna; nenhuma morte é necessária. Para o seu renascimento, nenhuma morte é necessária; em vez disso, uma transcendência. E para essa transcendência, utilize a você mesmo (OSHO, 2012 p. 14).

Dessa forma, para Osho (2012), o indivíduo se torna capaz de alcançar a liberdade em um outro plano de existência, ou seja, “existir para si próprio” (OSHO, 2012, p. 15), o que transcende a condição religiosa que incute na sociedade a ideia de que a liberdade só é alcançada após a morte física, pois é algo reservado para o espírito.

Nesse sentido, o tantra é uma filosofia que privilegia o amor, o respeito, a compaixão, a aceitação e a libertação de padrões condicionantes. Contudo, Osho alerta que esse é um caminho difícil de ser trilhado, pois é necessário olhar para si mesmo o tempo inteiro, porém, uma vez trilhado não se sente mais vontade de sair dele. Portanto, através do tantra, o indivíduo descortina seu verdadeiro “eu”, sem medo, sem preconceito, apenas se permitindo ser quem se é, vivendo a sua essência.

Os referidos autores concordam que um dos principais benefícios da Terapia Tântrica é ser uma excelente ferramenta de autoconhecimento, expansão da consciência e tratamento para diversos males. Utiliza para tanto, as práticas meditativas, pranayamas, evocação de mantras (palavras, frases), asanas, massagem e terapia orgástica, mapeamento e liberação vaginal, mapeamento e liberação anal, renascimento, além das técnicas de visualização e centramento, privilegiando o corpo em detrimento da mente. Sempre procurando buscar no interior do indivíduo o caminho para a iluminação.

Essas práticas irão estimular a produção natural dos hormônios que são produzidos e/ou liberados durante o orgasmo, além de favorecer o amor-próprio, elevando a autoestima e o empoderamento pessoal e coletivo. Dentro desse pensamento, o prâna (energia vital, respiração) é o alimento para o corpo e para os chakras, que são centros energéticos localizados ao longo do corpo, e onde se acumula o prâna.

No que se refere especificamente à massagem tântrica, esta possibilita à pessoa a oportunidade de conhecer os paradigmas do seu corpo através do fluxo da libido. A pessoa ao ser massageada tem a sensação de carinho e de amor. Não há dor nem desconforto, pois o toque é feito pelo terapeuta tântrico de forma harmoniosa, sutil e amorosa, pois transporta através das pontas dos dedos e das palmas das mãos um fluxo contínuo e suave de toques sobre a pele provocando a eletricidade do corpo denominada de libido.

No homem, esse processo de prazer ao ser canalizado durante a massagem permite equilibrar os hormônios, revitaliza os órgãos genitais internos e externos e favorece a potência masculina e o orgasmo seco. Os homens concebem em si a capacidade de fluir o fluxo de intuição, sensibilizando as emoções, promovendo a dose necessária para fluir no pulso dos negócios e da afetividade. Enquanto nas mulheres, essa sensorialização e sensibilização da capacidade de sentir e do fluir proporcionarão a facilidade de sentir orgasmos, bem como corrigir disfunções como a Tensão Pré-Menstrual, frigidez, timidez e valorização de si mesma como mulher, deixando-a mais feminina e sensual.

Sobre o orgasmo, podemos dizer que para o tantra, esse é um dos mais eficientes tratamentos para diversos males, uma vez que através dele são produzidos vários hormônios que, no tratamento convencional, são administrados através dos fármacos. Valdez (2012) revela que ter orgasmos regularmente estimula a produção da feniletilamina, que acelera o metabolismo de gordura, amenizando a ansiedade e a vontade de comer doces e outros alimentos calóricos e não saudáveis.

Essa combinação hormonal trabalha com a felicidade e com a autoestima, além de ajudar o indivíduo a se livrar do peso de culpas e padrões condicionantes a fim de que ele esteja

livre para viver sua sexualidade plena. O orgasmo aumenta os níveis de estrogênio e libera ocitocina, reduzindo o cortisol no sangue. Dessa forma, os níveis de ocitocina aumentam em 5 vezes após uma forte experiência orgástica. Níveis mais altos de ocitocina fazem a pessoa se sentir feliz, enquanto baixos níveis de ocitocina estão relacionados à depressão e a níveis mais baixos de hormônio tireoidiano.

De acordo com a história da sexualidade, por volta dos anos 1930 as mulheres que sofriam de histeria eram tratadas através do orgasmo, prescrito por médicos e obtidos em consultórios através da massagem médica. Valdez (2012) explica que no cérebro humano existe uma pequena seção que é chamada de “Centro de Prazer”, ou “Centro de Recompensa”, e que é neste setor que se localiza a glândula pituitária, que é a responsável por secretar as “betaendorfinas, que reduzem a dor; a oxitocina, que aumenta a confiança nas interações sociais; e a vasopressina, que fortalece os vínculos” (VALDEZ, 2012, p. 22).

A endorfina, a serotonina, a dopamina, e a ocitocina são consideradas os hormônios do prazer, pois elas interferem no cotidiano de nossas vidas e estão relacionadas ao bem-estar geral. Por isso, os níveis hormonais adequados são essenciais para a saúde física e psicológica. Ainda segundo a autora, existem vários tipos de orgasmo, dentre eles estão: orgasmo clitoriano; orgasmo vaginal; orgasmo do ponto G; orgasmo cervical; orgasmo dos seios ou mamilos; orgasmo anal e o orgasmo sensorial. Esse fato confirma um dos principais princípios da Filosofia Tântrica ao afirmar que todo o corpo é orgástico, ou seja, o ser humano possui capacidade orgástica que vai muito além da genitália.

Segundo a Terapia Tântrica, o orgasmo sensorial se dá a partir de técnicas de respiração, meditação, massagem com liberação dos canais energéticos, culminando com a subida da Kundalini passando pelos sete chackras principais. No que se refere ao orgasmo expandido, as suas características são as sensações energéticas e as contrações em todo o corpo que resultam em profundas experiências espirituais, uma consciência que geralmente não se percebe durante os orgasmos comuns, e a percepção da energia que se expande muito além dos limites do próprio corpo.

O orgasmo pode apresentar características muito importantes para a saúde das pessoas se for utilizado de forma livre e dissociada da abordagem sensual e sexual. Mas apesar de todos esses benefícios, é importante ressaltar que a grande meta do tantra é a "iluminação espiritual", através do reconhecer da sabedoria oculta que habita no interior do próprio homem, uma natureza autoiluminada capaz de emancipá-lo por completo do sofrimento psicológico que normalmente atormenta a mente humana como: medos, vícios, desejos e apegos.

Os ensinamentos tântricos têm como objetivo o desenvolvimento interior e o aperfeiçoamento de si, o que nos faz compreender que o tantra é hoje sinônimo de "sexo espiritual" ou de "sexualidade sagrada" – uma crença de que o sexo deve ser reconhecido como um ato sagrado capaz de elevar os seus participantes a um plano espiritual mais elevado.

O ritual tântrico deve ser indiscutivelmente sagrado, levando a sexualidade sagrada como parte de uma evolução espiritual e a evocação do poder absoluto. Afinal, diante da mulher nua, quando concebida como Shakti, é possível descobrir o próprio mistério cósmico profundo. Essa é a base do culto conhecido como Shaktismo: “[...] Diferente da visão dos antigos sábios, os mestres do Tantra, ligados ao culto da deusa Shakti, ensinavam o não abandono do corpo, e sim utilizar-se dele como instrumento de libertação e ascensão do ser”(CAVALCANTE, 2015, p.2). Nesse modelo ritual, o corpo é concebido como verdadeiro templo de adoração, é o elo entre os deuses e os humanos. Por isso o seu cuidado é fundamental, o corpo seria o veículo de libertação e ascensão do ser.

Para os praticantes do tantra é por meio da sabedoria que se encontra a libertação, visando superar as diversas formas de dualismos entre a realidade suprema (Si Mesmo) e a realidade condicionada (Ego). A doutrina tântrica traz a ideia de uma nova revelação para tempos tão difíceis em que o espírito é profundamente envolvido com a carne. A terapia tântrica permite a vivência de uma relação transformada com a sexualidade, resultando numa vida de maior prazer, paz, felicidade e bem-estar.

O orgasmo também aumenta consideravelmente os níveis de dopamina, serotonina e adrenalina. Essa combinação hormonal trabalha com a felicidade e com a autoestima, além de ajudar o indivíduo a se livrar do peso de culpas e padrões condicionantes opressores. O orgasmo aumenta os níveis de estrogênio e libera ocitocina, reduzindo o cortisol no sangue. Dessa forma, os níveis de ocitocina aumentam em 5 vezes após uma forte experiência orgástica. Níveis mais altos de ocitocina fazem a pessoa se sentir feliz, enquanto baixos níveis de ocitocina estão relacionados à depressão e a níveis mais baixos de hormônio tireoidiano.

Apesar de todos esses benefícios, é importante frisar que a grande meta do tantra é a "iluminação espiritual", através do reconhecer da sabedoria oculta que habita no interior do próprio homem, uma natureza autoiluminada capaz de emancipá-lo por completo do sofrimento psicológico que normalmente atormenta a mente humana como: medos, vícios, desejos e apegos.

3 METODOLOGIA

Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. Considera-se que pesquisar, no âmbito científico, é um processo sistemático de construção de conhecimento, visando gerar novos conhecimentos e/ou refutar algum conhecimento anterior; ou seja, pesquisar é buscar conhecimentos, por meio de técnicas, procedimentos e atitudes, em um determinado local e para determinado objeto.

O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. Visto isso, o enfoque que orientará essa pesquisa será o qualitativo, que nas Ciências Humanas é considerado de grande valoração, pois considera-se que para ouvir e observar o comportamento de seres humanos e tudo que implica sua subjetividade, essa abordagem é a que melhor possibilita a escuta, o olhar e mudanças significativas (MENGA LÜDKE; MARLI ANDRÉ, 2014).

É importante, ainda, ressaltar que, segundo Maria Minayo (2003):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2003, p. 21-22).

A partir dessa referência, podemos considerar a sexualidade humana como um fenômeno; e como tal, não poderia ser estudado, pesquisado através de outra perspectiva. Na nossa sociedade patriarcal, a sexualidade sempre foi encarada como objeto de repreensão, e isso influenciou negativamente na vivência saudável da sexualidade feminina. Diante dessa realidade, esta dissertação teve como objetivo geral investigar de que forma o tantra pode auxiliar as mulheres ao proporcionar mudanças práticas no modo como encaram a sua sexualidade.

Os objetivos específicos foram analisar historicamente o processo de desenvolvimento da sexualidade feminina apontando os possíveis danos causados pela educação sexual repressora; abordar historicamente a filosofia tântrica relacionando-a com a proposta das atividades realizadas no Espaço Forte de Luz: sua origem, metodologia, desafios e contribuições para a sexualidade da mulher; buscar narrativas de mulheres que entraram em contato com as práticas tântricas realizadas no Espaço Forte de Luz, a fim de conhecer quais as mudanças positivas que perceberam na sua sexualidade.

Para alcançar esses objetivos, será utilizada a pesquisa bibliográfica, que se caracteriza por ser “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, e que tem como vantagem permitir ao investigador uma gama de fenômenos muito mais amplo do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2010, p. 50). Tendo sido realizado o levantamento bibliográfico, foram selecionados e utilizados diversos autores que se relacionam com a temática escolhida: História da sexualidade feminina e o tantra, como vemos abaixo.

Dessa forma, o primeiro capítulo apresenta a introdução do trabalho, trazendo pontos importantes como a justificativa da pesquisa e a sua contextualização. Já o capítulo dois está dividido em três partes, sendo a primeira *Sexualidade feminina: repressão ou emancipação?*, em que são feitas abordagens teóricas acerca do conceito de sexo e sexualidade, pontuando como ocorre esse desenvolvimento na infância, puberdade, vida adulta e envelhecimento. Essa parte aborda historicamente a sexualidade detalhando o fenômeno da repressão sexual e suas consequências na sexualidade feminina através das mais variadas disfunções sexuais. O referencial teórico sobre sexualidade feminina e repressão sexual encontra-se em autores como Freud (1973), Muchembled (2007), Foucault (2002), Bourdieu (2002) e Hooper (2005).

A segunda parte, intitulada *Uma análise da educação em sexualidade em ambientes formais, informais e não-formais*, abordou também a dificuldade dos educadores em tratar das questões da sexualidade com os alunos, ressaltando a necessidade dessa temática ser debatida não apenas em ambientes formais, mas também em ambientes informais e não-formais, dando ênfase a uma abordagem emancipatória da sexualidade. Para contemplar a temática de educação em sexualidade, tivemos como referencial teórico as reflexões de Bonfim (2012), Louro (1999), Vitiello (1994), e Gohn (2006).

Na terceira parte, intitulada *Tantra para mulheres: o contemplar de novos horizontes de libertação*, é feita uma análise histórica da filosofia tântrica, contemplando o trabalho voltado para mulheres, desenvolvido no Espaço Forte de Luz, a fim de conhecer quais as mudanças positivas que as mulheres percebem na sua sexualidade a partir do contato com o conhecimento tântrico. Para tal, utilizamos autores como Osho (2001), Sangito (2020), Chandra (2001), Valdez (2012), Cavalcante (2015) e Doze Hélices (2020). Concluiu-se que o tantra tem características sensoriais e desrepressoras, e por isso é considerado um caminho de empoderamento e fortalecimento do feminino. Quando a mulher busca conhecer os princípios educativos do tantra em sexualidade, isso contribui para a libertação emocional e sexual dela.

Segundo Barros & Lehfeld (1990, p. 33), “a vigilância epistêmica deve ser buscada através do controle dos procedimentos metodológicos e instrumentais técnicos utilizados no estudo”. O procedimento adotado para a coleta de dados foi o de narrativas orais que permitiu a pesquisadora explorar nos respondentes a subjetividade das expressões utilizando-se da técnica de entrevista e questionário para obtenção de dados que comprovem a relevância e a legitimação do problema através da busca de narrativas de mulheres que frequentam as práticas tântricas no Núcleo Doze Hélices, a fim de conhecer quais as mudanças positivas que percebem na sua sexualidade e empoderamento feminino.

De acordo com Khoury (2001):

As narrativas orais podem revelar a multiplicidade de sujeitos e temporalidades, mostrar também a flexibilidade das pessoas ao lidar com determinadas situações. É possível o pesquisador explorar nos entrevistados a subjetividade das expressões, a multiplicidade, as contradições e identificações avaliando o modo como estas interferem na dinâmica social, refletindo sobre elas como possibilidades na construção dos processos sociais (KHOURY, 2001, p. 88).

Apesar dos debates em torno do meio acadêmico sobre a possível subjetividade das narrativas orais, essa metodologia foi escolhida porque a riqueza desta fonte está justamente nessa subjetividade que nos possibilita, enquanto pesquisadores, captar experiências que os indivíduos constroem e dão significado à sua existência e experiência.

Ressalta-se que as narrativas orais são largamente utilizadas hoje como alternativa metodológica em estudos qualitativos, que partem da experiência de vida dos indivíduos para desvelar as relações sociais e a cultura nas quais se inserem, valorizando e estimulando a oralidade como recurso promotor de conexão entre o presente e o passado, trazendo à tona a memória coletiva.

Para compreender de maneira mais efetiva como a terapeuta trabalha o tema com as práticas tântricas, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo seis questões abordando esse tema. Sobre a utilização da entrevista na pesquisa, Gil (2010) menciona:

[...] desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número, alerta que se deve cuidar para que o entrevistador não influencie ou interprete as respostas, apenas as reproduza e que não improvise. (GIL, 1999, p. 121).

Dessa feita, os resultados da pesquisa são apresentados em forma de resposta aos questionamentos com os quais socializamos a seguir, e tecemos reflexões a partir do referencial teórico adotado.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa são a análise de relatos orais em entrevistas, e a aplicação de questionários, já que nas palavras de Lang (2007, p. 17) “A forma mais usual de coleta de dados é a entrevista, que supõe uma conversação continuada entre o pesquisador e o narrador, podendo ser orientada por um roteiro previamente estabelecido ou realizada aparentemente sem roteiro”.

De acordo com Lüdke e André (2014, p. 38), a entrevista é “[...] uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais”. Sendo assim, a partir das categorias estabelecidas, subcategorias de análises puderam ser estabelecidas e seguiram para tratamento, análise e resultados da pesquisa.

No caso desta pesquisa, o universo é composto de três mulheres que participaram das atividades já mencionadas, além da terapeuta facilitadora das vivências tântricas. Assim, tudo o que foi relatado oralmente foi transcrito e textualizado, resultando num diário de campo para análise dos resultados.

Para finalizar, ressaltamos que através da narrativa e do processo de escutar e contar história, os indivíduos constroem os sentidos tanto de si como de suas vivências; pois nossas falas representam as práticas sociais e a rede de discurso na qual estamos inseridos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizar uma análise de dados é observar os dados coletados e relacioná-los entre si com o intuito de esclarecer as informações adquiridas e buscar soluções para os problemas encontrados. Nesta pesquisa, as entrevistas foram realizadas com três mulheres, que frequentaram o Espaço Forte de Luz e tiveram contato com as sessões de massagem tântrica e/ou cursos livres de massagem tântrica para solteiros ou casais. Na seção A sobre o perfil dos respondentes, verificamos que duas respondentes tinham a faixa etária entre trinta e um e quarenta anos, e apenas uma de quarenta e um a cinquenta anos. Por sabermos o quanto primordial é a importância do engajamento da família quando o assunto é a educação sexual, a seção B, intitulada: Sexualidade feminina: repressão ou emancipação?, iniciou-se com as perguntas: “Em algum momento na sua infância ou adolescência você foi orientado por seus pais sobre sexualidade? De que forma ocorreu essa orientação?”. Das três respondentes, apenas uma foi orientada pelos pais. Conforme a seguinte resposta: “R1- Minha mãe sempre conversava comigo sobre minhas experiências. Apesar de não me explicar como ia acontecer, ela sempre me ouviu”.

As demais respondentes responderam que não receberam orientações dos pais, mas sim de amigos e vizinhos. Observe: “R3: Minha mãe me repreendia ou me batia se eu expressasse algum interesse em sexo ou qualquer livro que fosse ela já perguntava qual o meu interesse naquilo”.

Notamos com essas respostas, que apesar do seio familiar ser o mais importante locus da abordagem sobre sexualidade, muitos pais não sabem lidar com esse assunto, achando até mesmo falta de respeito conversar sobre o tema no âmbito familiar. Ao abordarmos o tema da educação sexual versus pais e filhos, sentimos como são grandes as dificuldades que os pais têm em atender as exigências que os filhos trazem em suas indagações. Sabemos que cabe à família ser a transmissora dos primeiros valores e opiniões sobre a sexualidade ao indivíduo, entretanto, a realidade é um distanciamento que abre uma lacuna para informações totalmente errôneas, tendo em vista que os filhos vão em busca de respostas em amigos, vizinhos, vídeos, internet, entre outros meios que acabam trazendo respostas equivocadas que maqueiam o verdadeiro e real sentido da sexualidade.

Entendendo o sexo como uma necessidade humana básica de relacionamento e convivência social é impossível não nos depararmos com as complicações que envolvem o tema em todas as suas esferas. Normalmente as sociedades preparam seus filhos para constituírem famílias e comporem a sociedade, no entanto só é possível, ou um dos caminhos naturalmente

disponíveis, através do ato sexual, ato este que não se costuma tratar abertamente, dada a complexidade com a qual se trata a questão sexual.

É teoricamente fácil falar que um homem e uma mulher se conheçam, se apaixonem, se casem, gerem filhos e sejam felizes para sempre, como nos contos de fada, contudo, dentro desse contexto social, não existe preparação, debate, discussão, educação e preparo para a vida sexual, pois este não é um assunto que se converse abertamente no seio familiar. Geralmente, as conversas sobre sexo giram em torno de piadas e chacotas, ou de forma repressiva e condenatória.

Este fator se agrava tendo em vista estarmos numa sociedade hipocritamente machista que faz relação entre os gêneros, especificando, assim, que as mulheres são inferiores aos homens. Sem falar que é um fato que a violência, incluindo a sexual, contra meninas e mulheres é uma questão cultural. Por esse motivo, muitas vezes, trata-se a temática de forma rasa, não empregando a real necessidade de se olhar para o problema com a gravidade e a seriedade que ele merece. A partir desses pontos, observamos que a imagem feminina tem seus passos éticos e sociais limitados, como vemos nas respostas da pergunta quatro: “Já viveu alguma situação de machismo no seu dia a dia? Relate se quiser.”. As três respondentes afirmaram que já vivenciaram não apenas em casa, mas também no trabalho, nas redes sociais, entre amigos e ao andar nas ruas. Observe as respostas abaixo:

R1: Fui assediada pelo meu gestor imediato. Infelizmente, ouvi coisas como: uma mulher que posta foto de biquíni tá querendo o que? Se comporte feito uma menina. Seja submissa. Esse tipo de coisas.

R3: Em casa se meu irmão pedia dinheiro ao pai pra farrear era o queridinho. Se eu pedisse dinheiro meu pai me interrogava: Pra que você quer dinheiro??? Isso me assustava!

Como percebemos, o machismo é um preconceito, expresso por opiniões e atitudes que favorecem o gênero masculino em detrimento ao feminino. Ou seja, é uma opressão, nas suas mais diversas formas, das mulheres feita pelos homens. A cultura machista está tão enraizada na sociedade que em certos casos, o machismo começa em casa, através da subjugação da mulher. Assim, concebe-se as mulheres como mais frágeis e propensas a tarefas domésticas, pois isso era ensinado a elas, como forma de manter os homens em seu papel dominante. Observe esta resposta:

R2: O machismo é uma doença cultural, está presente em todos os gêneros. É lamentável ver isso na linguagem, nas expressões humanas e até mesmo na forma familiar da sociedade. Eu vivi anos com o machismo e acabei me tornando machista

por influência, é terrível, hoje eu me reconheço como uma mulher que se libertou dessa crença e reconheço de longe atitudes machistas, tenho verdadeiro pavor.

Com esse comentário, vemos que as mulheres reproduzem comportamentos e preconceitos que existem na sociedade e que são ensinados a elas desde a infância. Infelizmente, o machismo é uma forma de preconceito que perpassa diretamente a vivência de toda mulher, pois não existe sistema de opressão mais antigo e mais globalizado do que o abuso contínuo à dignidade da mulher, de todas as formas possíveis.

Contudo, a sexualidade deve ser vivida de forma igualitária pelo homem e pela mulher, pois o desfrutar de uma vida sexual boa e saudável vai propiciar felicidade e bem-estar, como observamos nas respostas da pergunta de número cinco: “O que a sexualidade significa para você enquanto mulher?”. Observamos as seguintes respostas: “R1: Liberdade, conhecimento, força, leveza, empoderamento, autoamor.”; “R3: Pra mim a sexualidade significa saúde mental emocional e física”.

Percebemos que o sexo é considerado inerente à vida e à saúde do ser humano, por isso merece atenção como qualquer outro aspecto da saúde. A resposta abaixo nos convida a olharmos para a sexualidade de maneira mais ampla, com mais cuidado e acolhimento:

R2: A sexualidade existe desde que nascemos, mas saber entender a minha sexualidade me tornou infinitamente mais feliz, mais forte e confiante. Sexualidade é uma espécie de energia que faz a vida ficar mais colorida. Difícil definir em palavras... quase um suspiro.

Observamos a necessidade de estarmos abertos a constantes reflexões e desconstruções, para que possamos viver uma sexualidade mais saudável e desfrutar de toda a potência que ela e nosso corpo podem nos proporcionar. Uma sexualidade saudável promove o bem-estar pessoal, físico, psicológico e emocional.

Como bem sabemos, é de extrema importância levar a educação sexual para a sala de aula, não somente pela possibilidade de preservar crianças e adolescentes de possíveis abusos, como também por poder trabalhar para a não submissão das crianças e dos adolescentes às relações de poder e violência que a nossa sociedade patriarcal, machista e sexista nos impõe. Diante de tal realidade, na seção C do questionário, fizemos as seguintes indagações: “Em algum momento na sua infância ou adolescência você foi orientada em seu ambiente escolar sobre sexualidade? De que forma a sexualidade era abordada na sua escola?”. As três respondentes foram unânimes no sim, porém, enfatizaram a limitação da forma como a temática da sexualidade era abordada em suas escolas, no que se refere aos aspectos biológicos (aparelho reprodutor masculino e feminino), aos desafios da puberdade e da gravidez na adolescência.

Notamos que não foram incluídos temas como masturbação, prazer e desejo, afetividade, muito menos desmistificação de preconceitos e tabus sobre a sexualidade. O que os jovens mais se interessam em saber é baseado na compreensão sobre como uma relação sexual pode ser prazerosa para os envolvidos, os cuidados e a responsabilidade afetiva necessária, visto que isso favorece imensamente a experiência sexual no futuro. Nas narrativas, sequer foi dada visibilidade para a didática utilizada (dinâmicas, debates, vídeos, projetos, atividades em grupo) ou até mesmo alguma referência a um diálogo entre professor e aluno. Apesar dos avanços, ainda temos um longo caminho pela frente, e um trabalho conjunto entre escolas e famílias. Ressaltamos que o objetivo de uma educação sexual significativa não está só em explicar sobre corpo reprodutivo a fim de prevenir gravidez na adolescência e/ou para prevenir doenças sexualmente transmissíveis; é trabalho da educação sexual incluir outros conteúdos no currículo das escolas para ensinar crianças sobre consentimento e o que precisam fazer para pedir ajuda, enquanto que para os jovens, é necessário se preparar para a vida sexual com informação e de maneira responsável.

Sabendo da importância da sexualidade ser abordada no âmbito religioso, a segunda pergunta da seção B foi: “Em algum momento na sua infância ou adolescência você foi orientado na sua religião sobre sexualidade? De que forma ocorreu essa orientação?”. Das três respondentes, apenas uma respondeu que não, e complementou falando sobre suas experiências e aprendizados:

R2: Aconteceu na adolescência, eu sentia prazer em beijar na boca, e adorava aquilo, então foi experimentando com meninos e meninas que podia ir cada vez mais além. claro! me machuquei muito por não conhecer meus limites. aprendi tudo trocando experiências.

As outras duas respondentes disseram que Sim. Veja a seguir: “R3: Na minha religião da época fui orientada a não me masturbar pois isso seria egoísmo e sexo só depois do casamento.”; “R1: Pecado qualquer forma de interação sexual antes do casamento”.

Verificamos que a religião em relação à sexualidade tem sido um instrumento ideológico e político-social na forma como tem orientado os indivíduos para uma moral, na maioria das vezes, negando sua sexualidade. A ideologia veiculada pelas religiões conserva um conflito não resolvido com a questão da sexualidade, uma vez que desempenha um papel regulador dos comportamentos, e não o de esclarecer sobre os dogmas das religiões. É exatamente isso o que ocorre com a sexualidade: ao invés de ser considerada como algo bom e legítimo, é transformado em algo ruim, prejudicial, proibido e merecedor do juízo de Deus. Em algumas situações, o sexo deixa de ser símbolo de bênção, e passa a ser uma maldição.

Sabendo que a educação sexual em ambientes informais perpassa todas as relações de aprendizagem do cotidiano, seja em uma roda de amigos ou no ambiente familiar, na penúltima pergunta da seção C, perguntamos: “Em que outros meios você teve acesso sobre conteúdo de sexualidade?”. Foram citados filmes, revistas, sites, amigos, *blogs* ou *pages*. Sabendo que os jovens têm direito de ter acesso a informações e educação em saúde sexual e saúde reprodutiva, na última pergunta: “Em qual ambiente você já teve contato com essa temática da sexualidade?” foram citados: palestras, espaços coletivos, centro de ciência e oficina temática. Percebemos que embora as respondentes afirmem ter tido contato com o tema na escola e na família, elas reconhecem os amigos como principal fonte de influência. É importante ressaltar que conteúdos como direitos sexuais e reprodutivos são pouco conhecidos dos adolescentes e são de fundamental importância para se pensar na saúde sexual da população jovem, tendo em vista que existe uma grande quantidade de material midiático produzido sobre o assunto voltado para os adolescentes, mas não ocorre o mesmo para publicação de material informativo. Esses resultados evidenciam a necessidade de melhorar os espaços destinados para a educação sexual.

No que se refere à educação sexual numa visão tântrica, esta é praticada em cursos livres de ambientes não formais e aplicada em consultórios e espaços terapêuticos através de vivências que expandem o horizonte da sexualidade, como por exemplo no Forte de luz, que é o lócus da pesquisa. Diante disso, na seção D, a primeira pergunta foi: “Por qual motivo você buscou conhecer o tantra?”. Veja as respostas:

R1: Por Insatisfação sexual, anorgasmia e sexualidade desenfreada.

R3: Eu sentia dor de cabeça na paquera. Tomava remédios e não passava. Passava se dias para passar. Não conseguia beijar direito pois além de a cabeça doer os braços também doíam e ficavam fracos. Fui observando que aquilo acontecia somente quando eu me aproximava de alguém por quem me interessava nem que fosse só um simples sorriso de paquera. Comecei então a buscar ajuda, mas aí já tinham se passado muitos anos. E então descobri o Espaço Forte de Luz. Um dos benefícios do tantra foi que em duas sessões acabou a dor de cabeça. Pude me aproximar de um rapaz pela primeira vez sem sentir dor de cabeça ou nos braços. Foi incrível!

Vemos como o tantra trouxe para essas mulheres noções sobre consciência, conhecimento de si, presença, corpo e sentimentos, principalmente quando lemos o relato abaixo:

R2: O tantra aconteceu na minha vida como uma luz me chamando, eu não tinha ideia, só curiosidade, me surpreendi com tanta importância para minha vida em todos os aspectos, eu nasci de novo, e quero aprender para o resto da minha caminhada aqui nesse tempo. Acredito que meu encontro com o tantra foi de vital importância para o que sou hoje.

Através dessas narrativas, vemos que um dos resultados da experiência com o tantra é a obtenção de uma transformação do modo da pessoa ver a realidade através de práticas que despertam sensações e emoções muito fortes. As práticas tântricas permitem ampliar um novo estado de percepção e consciência. Diante disso, e por saber que a terapia tântrica é uma abordagem altamente curativa para a sexualidade feminina, e que por esse motivo, muitas mulheres a procuram, a segunda pergunta da seção D foi: “Quais benefícios você teve em conhecer o tantra?”. Foram citados pelas respondentes:

R1: Intimidade com o orgasmo, transformações internas de valores nas formas de ver e de viver a sua sexualidade, liberação de dogmas e crenças limitantes, autoconhecimento.

R2: Tratamento de problemas e disfunções sexuais, empoderamento e fortalecimento do feminino, maior consciência e aceitação do corpo, cura de traumas sexuais.

R3: Elevação da autoestima e amor próprio, libertação de culpa e padrões opressores, superação de vícios e trabalhar o masculino interno.

Percebemos que hoje essas mulheres podem viver a sua sexualidade de uma forma mais plena, pois foram retiradas da sua zona de conforto de suas consciências limitadas. Grande parte desse resultado foi devido à dedicação e à experiência da terapeuta que chamaremos de Sana, com a qual realizamos uma entrevista composta por seis perguntas. Na primeira pergunta, sobre o seu tempo de atuação como terapeuta tântrica e sobre suas formações, Sana respondeu:

“Eu me formei desde dezembro de 2015, e desde então tenho quase 7 anos de formação. Eu fiz algumas formações em Tantra, tanto a do kenî com os métodos de Rock, como também, minha segunda formação na Luanda Tantra School que é uma escola de tantra vinda da Estônia. Como também fiz várias outras formações, onde tive conhecimentos de Reike, Constelação Familiar, Renascimento, Práticas integrativas da respiração, Facilitadora de Pompoarismo, Formação em professora de cursos de Massagem Tântrica como também para casais, Formação em Coach de Relacionamento e Sexualidade, Formação em Psicoterapia Tântrica, Formação em Radiestesia e Radiônica. Sou Apômetra, Reikiana nível 3A, e atualmente sou estudante de Psicologia”.

Observamos que Sana busca constante aprendizado do estudo do corpo humano e da sexualidade. Isso é importante, pois um terapeuta tântrico que está apto a potencializar processos de autoconhecimento consequentemente facilitará de forma ética a solução de bloqueios físicos, mentais, bem como de traumas emocionais do ser humano. Percebemos também que Sana buscou progressivamente não somente formações teóricas, mas também vivenciais, tornando-se qualificada para ofertar ao seu público tanto masculino quanto feminino, seu conhecimento técnico, prático e vivencial do tantra.

Na segunda pergunta, sobre o que a motivou a buscar formações na área tântrica, Sana narra sua primeira vivência ao fazer um curso de massagem tântrica e recebê-la pela primeira vez. A massagem, em uma primeira sessão, é iniciada com a chamada Sensitive Massagem, que é uma massagem muito sutil, feita com as pontinhas dos dedos pela pele, para o despertar da bioeletricidade corporal. Em seguida, ocorrem manobras específicas na região íntima, que é a fase chamada Êxtase Total Massagem. É importante ressaltar que essas manobras são muito diferentes dos movimentos utilizados na tradicional masturbação, ou de qualquer coisa normalmente difundida pela indústria pornográfica. Essas manobras na região íntima são feitas com a utilização de luvas de látex, por questões de biossegurança. Desta feita, segue o relato de Sana:

“Havia saído de um relacionamento muito abusivo e queria ganhar o mundo. Foi quando eu ganhei o curso de massagem tântrica e nesse curso tive a maior experiência catarsica da vida. Nessa catarse eu descobri que eu tinha um problema na minha sexualidade, tive um processo caótico, onde meu corpo todo dobrou-se, franziu-se, contraiu-se e eu senti que ali aconteceu um processo que só estava se iniciando. Tinha choro, dor, grito uma sensação de prisão enfim, eu tive um vislumbre, que todo o processo de dor, grito, contorções na verdade era o meu grito de liberdade, de tudo que havia passado nesse relacionamento. Descobri que ali tive um processo interno de soltura, de liberação de energia e que foi base de todo meu trabalho, foi através dessa dor que eu tive nesse curso de massagem tântrica.”

Diante desse relato, notamos que receber a massagem tântrica desencadeou em Sana muitas descobertas sobre si mesma, trazendo à tona muitas consciências e emoções. Possibilitou também ao corpo dela trazer para o momento presente os efeitos de uma experiência traumática, permitindo que ocorresse a sua ressignificação através do descondicionamento do corpo das formas habituais de prazer, possibilitando, assim, abertura para inúmeras outras possibilidades.

Percebemos essa abertura, ao questionar na terceira pergunta sobre o que o tantra significa para ela. Veja a importância e o apreço relatado detalhadamente por ela:

“O tantra significa expansão. O corpo não tem somente o físico. Na minha visão o tantra traz a sublimação, essa é uma palavra-chave, a sublimação da energia, da energia sexual para pontos mais sutis do corpo. Quando eu falo disso, dessa energia que destaca fisicamente impregnada, ela se ascende no âmbito emocional, espiritual, mental e isso faz com que possa haver um aprimoramento de consciências. O tantra permite, na minha visão, evoluir espiritualmente com liberdade sexual. Liberdade que não é libertinagem, mas é uma liberdade pessoal, de expressão, de expansão, de conexão, de autoconhecimento, de liberação de crenças, dogmas, liberação de dores e uma aceitação muito profunda. Com o tantra, eu consegui me aceitar de uma forma muito íntegra, pura. E hoje, eu digo que trabalho com conexões, conexões da energia sexual em um processo de espiritualização. Hoje eu não as vejo diferentes, hoje eu não vejo essas energias à parte. Uma está intimamente ligada à outra e elas são muito unidas. E assim eu levo essa conexão para todos aqueles que buscam.”

Compreendemos com esse relato, que ao contrário do que a nossa sociedade moderna pensa, tantra não se foca no sexo, mas tem na realidade um propósito muito mais profundo. Devido ao foco em demasia no sexo, as pessoas projetam essa imagem no tantra, porém, tantra é espiritualidade e envolve todos os aspectos da vida. O real poder do tantra e da massagem tântrica é proporcionar o conhecimento, a descoberta do corpo, das sensações e da conexão entre os praticantes, que passarão por uma experiência renovadora, intensa, de abertura e (re)conhecimento de si mesmo e do parceiro. A essência do tantra é percebermos a nós próprios e ao universo, de forma a obter a liberdade absoluta, por meio de uma visão realista, amorosa, e acolhedora da sexualidade. Além disso, desenvolvendo a consciência do corpo e de todo o prazer que ele é capaz de nos proporcionar. Resumindo, o restante são subprodutos disso, mas não a essência do tantra.

Na quarta pergunta, sobre qual a metodologia utilizada para transmitir os ensinamentos tântricos ao público, Sana respondeu:

É uma metodologia própria, são várias em uma só, eu uso conhecimentos Reichianos, Junguianos, Ericsonianos, eu uso conhecimentos práticos de movimentos taoístas, bases de constelação familiar, educação sexual, reiki, técnicas de coach de relacionamento e sexualidade, técnicas de psicoterapia tântrica, observações de disfunções sexuais, entre outros métodos. Uso também muito a sensibilidade, pois sou muito sensível, e utilizo dessa sensibilidade pra trabalhar a escuta daquilo que o outro tá me trazendo pra que eu possa levar adiante. Exige-se uma observação muito grande daquilo que a pessoa tá falando e trazendo. Esse é um ponto. O segundo ponto é quando eu falo pra pessoa que a vida é exatamente igual ao estado orgástico que ela chega, esse estado orgástico é um estado de expansão do corpo, onde o corpo inteiro e suas células a partir de um determinado processo que seria de vibração, de prazer em determinada técnica de respiração circular que é de fundamental importância no meu trabalho.

Percebemos que Sana desenvolveu uma série de habilidades que contribuem positivamente para a relação e condução do processo, ou seja, uma formação para além do conhecimento técnico e teórico. No que se refere à sensibilidade, consideramos de extrema importância para o estabelecimento de uma boa relação terapêutica e conseqüentemente para bons resultados. Essa sensibilidade de Sana, enquanto característica de um terapeuta tântrico, favorece o vínculo e possibilita as intervenções necessárias. A presença inteira de Sana, sem obstáculos, convida o outro para também se fazer presente por inteiro. A escuta atenta, o olhar aguçado, a articulação na comunicação e, sobretudo, a disposição para estar ali, junto, acompanhando de fato o trânsito das emoções e os pensamentos desordenados do paciente dependem de uma alta capacidade de auto-observação e autoconhecimento do terapeuta.

É importante lembrar que nosso corpo possui memórias. Os sentimentos, pensamentos e emoções traumáticas que se experimentam ao longo da vida ficam registrados

na forma de tensões corporais de diferentes níveis, bloqueando o fluxo de energia e vitalidade. Por isso, Sana faz referência à técnica de Respiração Circular que serve para resolver problemas emocionais, pois, à medida que vamos respirando de forma circular e conectada, acontece um poderoso processo de dissolução de medos, tristezas, angústias, mágoas e sensações que talvez nunca tenham emergido à consciência. E Sana continua expressando seus pensamentos:

“E quando eu utilizo essa frase: “Sua vida é exatamente igual ao seu estado orgástico”, esse estado orgástico é um estado de consciência, de expansão, não é localizado, não é um orgasmo como uma ejaculação, ou um orgasmo clitoriano, localizado, é um orgasmo trabalhado ao corpo onde as células vibram, onde o corpo vibra e intensifica. Esse estado orgástico é uma conquista. O corpo conquistou vibrar a sua respiração, conexão em um determinado padrão por um determinado tempo. E o método mais utilizado nessa situação é a conexão do corpo da pessoa com ela mesma. E ressignificar esses padrões que envolve conexões espirituais, mentais e emocionais. Eu estou louca pra fazer uma teoria onde eu possa colocar isso em público e talvez seria a “Teoria do Estado Orgástico”, onde encaixa-se essa frase: “Sua vida é exatamente igual ao seu estado orgástico” e esse estado orgástico vai muito além de um espaço localizado, é um estado de expansão, de conquista a partir de um determinado movimento, um determinado tempo para que a pessoa possa conquistar na prática, corporeamente, um estado avançado de sensibilidade e expansão consciencial, que traz um estado alterado de consciência. Mas pra eu chegar nesse estado alterado de consciência eu preciso preparar a cabeça, a pessoa, o consciente pra poder trabalhar o inconsciente. E trabalhar o consciente afetando diretamente o inconsciente nos estados de incômodos ou de prazeres e vai depender do que a pessoa tá me trazendo, então, isso pode trazer as consequências de uma movimentação interna ao trabalhar possíveis bloqueios, traumas e incômodos que estão ali naquele corpo e ela possa por si só conscientemente retirar esses incômodos e desequilíbrios do corpo”.

Desta vez, Sana relaciona o orgasmo com a vida que a pessoa leva no cotidiano, nos fazendo refletir sobre a importância do orgasmo na realização pessoal em nossas vidas. Uma vez que o orgasmo ou o hiperorgasmo é acessado, conhecido, despertado e liberado, vários bloqueios e inibições a respeito de si mesmo também são. O toque da massagem tântrica, aliado à respiração, tem o poder de pouco a pouco ir liberando essas memórias emocionais, eliminando traumas e conflitos internos, gerando na pele uma provocação na bioeletricidade que vai direto ao encontro dos neurotransmissores, e a memória celular corporal onde foram armazenadas essas informações de traumas, dores e bloqueios vão se liberando aos poucos, até o momento em que o ponto de bloqueio vira consciência presente, e nesse momento o corpo libera memórias, *insights*, risos e choros, e desbloqueios progressivos. Nesse momento, a mulher que mal conhecia o corpo passa a ter acessos de estado de expansão de consciência corporal e descobre o potencial orgástico do seu corpo, podendo acessar, daí, uma mulher muito mais poderosa, conecta, dona de si, do seu prazer, das suas atitudes e de suas escolhas. Já sabe o que pode. Já sabe como atinge seu prazer. Já sabe o que a bloqueava... Por isso ressaltamos o poder de transformação da massagem tântrica na vida do ser humano.

Na quinta pergunta, sobre o que ela pôde perceber do impacto do conhecimento tântrico na vida das mulheres, Sana responde:

“Quando eu falo de conhecimento tântrico é um processo íntimo onde o físico, o emocional, o mental e o espiritual estão em um caminho de união, e chegar em um estado de equilíbrio. O tantra é um caminho de evolução, onde a pessoa entra num profundo autoconhecimento pra confiar em si mesma e conseguir buscar a sua segurança e autoestima harmônica. Então quando vejo tantas mulheres vindo nos cursos, elas olham esse lado da sensibilidade, da sexualidade, elas têm certezas, têm decisões, sabem o que querem, essas mulheres sabem dizer não quando precisa dizer não, algumas antes nem isso conseguiam. Se empoderar no que realmente querem, ir atrás dos próprios objetivos”.

Compreendemos, assim, que conhecer o tantra faz com que a mulher recupere sua autoestima e desenvolva o empoderamento para além da sexualidade. Muitas mulheres deixam de praticar o tantra por pensarem que se trata de algo voltado somente para o sexo, quando na realidade a terapia tântrica tem sido uma ótima aliada para as mulheres que desejam conhecer e criar uma ligação maior consigo mesmas, e com suas próprias histórias. Por isso, Sana continua:

Vejo nessas mulheres: o despertar do seu prazer. Ou seja, elas conseguem alcançar os prazeres não somente sexuais, mas prazeres de vida: com os filhos, com uma visão de trabalho saudável, onde se ela quiser reconhecimento, ela terá, se ela quiser tranquilidade, ela terá. Os problemas continuaram chegando, porém com respostas diferentes, quando essa mulher muda, a ressonância interna muda, ela consegue vibrar diferente pra ter novas respostas, mais fluidas, dos problemas que ela tinha antes.

Sim, o que Sana quis dizer é que a compreensão sobre o tantra não pode ser resumida meramente em um conjunto de informações que visam a melhoria unicamente do desempenho sexual, mas sim do seu desenvolvimento pessoal, do seu crescimento para a vida – que é tudo o que existe. O tantra traz benefícios tanto na sexualidade, como na vida em geral, porque ajuda a pessoa a se sentir melhor consigo mesma. A pessoa que o pratica tem mais força para enfrentar a vida, pois se aceita com todos os seus defeitos e virtudes. Desta forma, se pode alcançar mais facilmente o autoaperfeiçoamento. O tantra compreende um significado muito mais profundo e transcende a sexualidade. É, portanto, ainda mais abrangente, rico e prazeroso. Ser tântrico é um estilo de vida. Praticar o tantra é olhar para a vida de maneira diferente, mais ampla. Em outras palavras, o tantra possibilita vivermos uma vida de paz e felicidade, ou seja, uma vida com menos sofrimento e com muito mais sabedoria, saindo da ignorância e do egocentrismo, através da prática da compaixão, do amor e do respeito em todos os tipos de relações. Sana finaliza dizendo: “O que tenho também visto, é a diferença em encontrar novos companheiros saudáveis para relações mais evolutivas, sua conexão com a família nuclear e social”.

Na última pergunta, sobre qual o seu maior desafio como terapeuta tântrica, Sana responde:

“Um dos meus maiores desafios hoje como terapeuta tântrica é dar validação ao meu trabalho como algo qualitativo, algo sério, algo que trabalhe com responsabilidade a saúde sexual, então fazer esse movimento é um grande desafio, por que existe um certo tantra comercial por aí que é onde se acha que o tantra é sexo, e não é. E esse desafio é mostrar que esse trabalho, não só o meu, mas como também o de outros terapeutas lá de São Paulo... que é pra isso que existe a ABRATANTRA, que é um trabalho da Associação de Terapeutas Tântricos e Tântricas do Brasil, que trabalha essa conexão da terapêutica tântrica. Eu uso a terapeuta tântrica, eu sou isso, mas pra muitas pessoas eu falo que sou terapeuta em relacionamento e sexualidade, que sai do contexto tântrico deturpado que tá aí. Mas o tantra é uma coisa tão linda, muito pura, muito intensa, que vai muito além do que é visto, que se acha, enfim, eu acredito que meu maior desafio é dar o verdadeiro som social da qualificação do meu trabalho, a verdadeira verdade do que é o meu trabalho na sociedade e que não seja deturpado por outras pessoas que se dizem profissionais da área da terapia tântrica, que fazem um curso de final de semana e dizem que já são terapeutas. Fiz várias formações até hoje e eu acredito todo esse conjunto me deu base para ser terapeuta hoje.”

Vemos um equívoco comum sobre o sexo tântrico, quando afirmam que se trata de experiências sexuais selvagens e desinibidas. No que se refere à massagem tântrica, é uma massagem terapêutica, na qual o terapeuta e o interagente não ficarão nus. Não há, em hipótese alguma, relação sexual com o terapeuta e muito menos masturbação. Todos os movimentos e manobras são minuciosamente selecionados, e nada tem a ver com movimentos repetitivos e viciantes utilizados na masturbação. Enfim, o tantra não é apenas uma prática sexual. É uma filosofia oriental que incorpora vários conceitos espirituais.

5 CONCLUSÕES

Os resultados evidenciaram que sexualidade é um assunto complexo, controvertido e de conceituação difícil, visto constantemente ser alvo de tabus, repressões, distorções e tentativas de reduzi-la a sinônimo de genitalidade e de reprodução. Falar de sexualidade é, ainda hoje, um tabu na nossa sociedade. Poucas pessoas, até mesmo entre profissionais da Educação e da Saúde, conseguem manter uma discussão honesta e saudável sobre o tema.

A sexualidade feminina está envolta por mitos e preconceitos, em especial nos gerados no discurso do dominador – hetero, pai de família, sem disfunções sexuais. Discurso reafirmado pela igreja, que exige da mulher uma postura passiva, castidade até o casamento, adoração a marido e filhos, e a fidelidade eterna. A sexualidade, a feminina em especial, foi, e ainda é, apesar de atualmente vivermos sob outros padrões de moral, ética e comportamento, objeto de interdição em vários campos. Isso porque o processo de formação da nossa sociedade recebeu forte influência da sociedade ocidental europeia que, pautada na ética e na moral do Cristianismo, concebeu o corpo e o sexo como lugar de interditos.

Vimos que esse fato está relacionado com uma educação religiosa arcaica e permeada por valores repressores, em que a sexualidade é usada como fonte de culpa quando usada, apenas, para o prazer em detrimento do uso exclusivo para fins de procriação. A mulher, pela sua condição desigual em relação ao homem, por muitos anos viveu sob a sua tutela, em primeira instância do pai, e em segunda, do marido, com sua sexualidade normatizada pelos padrões cristãos, legitimada pela instituição do casamento e pelo cumprimento da função reprodutora.

Sabemos que a sociedade ocidental é moralmente tradicional, patriarcal e cristã, então essa conjuntura dificulta o debate em torno da educação, e essa falta de debate sobre o tema resulta no despreparo para uma vida sexual plena e segura. Dentro dessa perspectiva, a sociedade contempla dois extremos, que são: a entrada na vida sexual de modo prematuro e o total despreparo para iniciar a vida sexual pós-casamento, gerando, dessa forma, pessoas frustradas, inseguras e infelizes que não conhecem nem o próprio corpo e muito menos o próprio potencial de prazer, fato que provoca o total desconhecimento do corpo e do potencial prazeroso de seus parceiros sexuais, o que resulta em relacionamentos frágeis com bases em expectativas sexuais fadadas ao fracasso.

Perante o exposto, os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois além das narrativas coletadas revelarem o comportamento machista que impera na sociedade, expondo de forma crua como essa violência é remanejada para coibir e inibir a mulher e sua

individualidade, proporciona que os leitores reflitam o porquê de as mulheres continuarem, em pleno século XXI, numa posição de subalternidade. Contudo, ainda que a passos pequenos e lentos, alguns setores sociais têm levantado a bandeira da sexualidade saudável, que proporciona autoconhecimento e expansão da consciência conduzindo à plenitude e à felicidade com suas escolhas sexuais.

A temática tornou-se relevante em razão da discussão filosófica que é um meio necessário que nos ajuda a superar essas visões equivocadas e superficiais acerca da sexualidade, visando uma amplitude nessa dimensão, que em muitas regiões é vista como um grande tabu, ou seja, vergonhas, pecado, coisa suja, vulgar e inferior. No senso comum da sociedade, quando se escuta falar de sexualidade, logo se imagina o sexo, ou seja, o ato sexual, ou a vivência da genitalidade exibicionista, mecânica e deserotizada, quando, na realidade, a sexualidade deve ser vivida de forma igualitária pelo homem e pela mulher, visto que o desfrutar de uma vida sexual boa e saudável propicia felicidade e bem-estar.

É necessário considerar que a sexualidade possui uma dimensão exclusivamente humana na qual interagem os fenômenos de prazer, emoção, afetividade e comunicação, merecendo tratamento interdisciplinar. Esta pesquisa foi desenvolvida justamente para provocar reflexões e debates que viessem a contribuir para buscar uma visão mais real do valor da sexualidade e sua dignidade vista como uma expressão natural e bela do ser, presente intrinsecamente na constituição humana. Há que se superar a concepção reducionista que se afasta da ontologia da sexualidade para uma mera funcionalidade do sexo, centralizado no ato sexual e na procriação, totalmente condicionada para uma função mecânica, biológica ou sanitária.

Compreendemos que as raízes das opressões às sexualidades são patriarcais e heterossexistas, portanto para se alcançar a emancipação da sexualidade, primeiramente temos que superar as ideologias, rompendo com o controle sobre a sexualidade estabelecida pela sociedade patriarcal e rompendo com os discursos repressores das religiões cristãs. Urge, assim, a necessidade de ações conscientes e livres das repressões seculares para uma educação em sexualidade responsável, consciente, humana e emancipadora.

Por fim, acreditamos ser relevante o desenvolvimento de pesquisas futuras que possam superar as limitações desta e aprofundar a compreensão da temática abordada referente à influência de uma educação sexual repressora na manifestação da sexualidade da mulher. Acreditamos que possa ser passível a mudanças, transformando conceitos e valores inseridos culturalmente de forma negativa, assim como preconceitos e estereótipos, de forma que essas mudanças melhorem a qualidade de vida das mulheres.

Propomos uma leitura foucaultiana da sociedade na busca de um processo de emancipação da sexualidade, e a ruptura com os mecanismos de poder da cultura dominante, procurando promover as potencialidades relacionais dos seres humanos, deixando de lado a repressão e os demais mecanismos que impossibilitam o indivíduo de viver a sensibilidade, a beleza, o amor e o sexo.

Enfatiza-se a necessidade de mais publicações que se debrucem sobre a sexualidade feminina, em especial o prazer feminino e a experiência do orgasmo, destacando-se o desconhecimento da própria mulher acerca de seu prazer e de seus direitos sexuais. O orgasmo feminino, assim como a totalidade da vivência do prazer na mulher, é algo plural, multideterminado e complexo, carecendo de investigações amplas e holísticas que abarquem suas peculiaridades para fornecer informações sobre as diversas variáveis que influem sobre o orgasmo e, por consequência, na satisfação e na funcionalidade sexual da mulher.

Assim, destaca-se a necessidade de mais pesquisas, artigos de revisão, artigos críticos e demais possibilidades de literatura que possam ser produzidas, visando à consolidação do campo teórico e a constante evolução do conhecimento científico. Também se reflete como necessária a popularização dos dados apresentados pelas pesquisas, promovendo a aproximação das mulheres com aquilo que há de empírico, científico e recente sobre a sexualidade e o prazer feminino.

Através das narrativas coletadas, observamos que o conhecimento tântrico pode impactar positivamente a saúde sexual feminina. As participantes relataram melhora significativa em seus relacionamentos afetivos, incluindo o diálogo e o intercuro sexual. Esse método, além da ação psicoeducativa, utiliza técnicas que facilitam a desinibição e a expressão, desenvolvendo habilidades comunicacionais e de auto-observação, ampliando as possibilidades de lidar com a função sexual.

Assim, faz-se necessário mudar a visão que se tem sobre educação sexual e trabalhar com uma concepção mais ampliada para que de fato a educação informal e a não formal sejam complementaridade da educação formal. Logo, conclui-se que a educação sexual, numa perspectiva tântrica, é um excelente método de tratamento, pois, como provado em pesquisas científicas citadas neste trabalho, o tantra além de promover autoconhecimento, expansão da consciência e estado alterado da consciência, também, através de técnicas específicas (como a massagem tântrica, o renascimento, a massagem nos chackras, as meditações tântricas ativas de Osho, as liberações energéticas, a terapia orgástica e a subida da kundaline, entre todas as técnicas citadas nesta pesquisa), faz com que o corpo do indivíduo

produza e libere os mesmos hormônios administrados através dos fármacos, que ativam o centro de compensação e prazer.

A vantagem de se trabalhar com a educação sexual numa perspectiva tântrica é que se utiliza a energia orgástica e kundaline, o que, por si só, já é muito prazeroso, bem como promove o autoconhecimento, gerando amor-próprio que desperta o autocontrole através da expansão da consciência.

Portanto, buscamos produzir conhecimento qualificado, numa perspectiva emancipatória, desenvolvendo processos, práticas pedagógicas de educação sexual tendo como base um resgate necessário e urgente do pensamento crítico das pessoas, como sensibilização para as possibilidades de superar a alienação desumanizadora, hoje hegemônica sobre as temáticas decorrentes da dimensão da sexualidade humana desenvolvida numa perspectiva tântrica, propiciando mudanças práticas no modo como encararam sua sexualidade.

Diante do exposto, não se deixa aqui algo completamente concluído, apenas resultados parciais mutáveis, pois existe muito o que se explorar, e espera-se que este seja um trabalho que aguce a curiosidade de outros pesquisadores, incentivando o surgimento de muitos outros trabalhos que possam vir a ser realizados no âmbito da FACED, ou em outras Instituições de Ensino Superior do Estado do Ceará.

REFERÊNCIAS

- ABDO, Carmita. **Descobrimento Sexual do Brasil**. São Paulo: Summus, 2004b.
- ABDULLAHI, Hauwa et al. Female sexual dysfunction among women attending the family planning clinic at Aminu Kano Teaching Hospital: a cross-sectional survey. **Nigerian Journal of Basic and Clinical Sciences**, Kano, v. 16, n. 1, p. 32-37, Jan./June 2019. Disponível em: <http://www.njbc.net/msbi.asp?issn=03318540;year=2019;volume=16;issue=1;month=January-June>.
- ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude e Sexualidade**. Brasília, DF: Unesco Brasil, 2004.
- ALCOBIA, Helena, MENDES, Alexandra Ribeiro, SERÔDIO, Helena Maria. (2004). **Educar para a sexualidade**. Porto: Porto Editora.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARCILA, Juan Fernando Uribe; TOBÓN, María Teresa Quintero; GÓMEZ, Margarita. Orgasmo femenino: definición y fingimiento. **Urología Colombiana**, Colômbia, v. 24, n. 1, p. 19-27, maio, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0120789X1500002>.
- BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila.; PEREIRA, Maria Elisabete. **Gênero e diversidade sexual na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPSC; Brasília: SPM: 2009.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BASSON Rosemary; BERMAN Judith, BURNETT Arthur, DEROGATIS Leonard, FERGUSON David, FOURCROY Jean, et al. Report of the international consensus development conference on female sexual dysfunction: definitions and classifications. **J Urol**. 2000;163(3):888-93.
- BEDIN, R. C. **A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP**. 2016. 154 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016.
- BERNARDI, Marcelo. **A deseducação sexual**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.
- BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papyrus, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC, 2001. v. 10.

BRIZTMAN, Deborah. 2000. “Curiosidade, sexualidade e currículo”. In: LOURO, G.L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. p. 85-111.

CARRADORE, Vania Maria; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Aids, sexualidade e prevenção no espaço escolar: algumas reflexões. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Araraquara: Laboratório Editorial FCL-UNESP, 2006. p.89-110.

CARRARA, Sérgio. 2007. Educação e sexualidade no Brasil: novas experiências no âmbito das políticas públicas. **Comunicação** apresentada no painel “Sexuality education: the way, what and how – strategies from around the world”, organizado pelo TARSHI. Nova Déli. Mimeo.

CARVALHEIRA, Ana Alexandra. **Sexualidade no Envelhecimento**. I Congresso Internacional Envelhecimento e Qualidade de Vida. Coimbra, 2007.

CARVALHEIRA, Ana.; LEAL, Isabel. Masturbation among women: associated factors and sexual response in a portuguese community sample. **Journal of Sex and Marital Therapy**, Inglaterra, v. 39, n. 4, p. 347-367, Feb. 2013. Disponível em: 10.1080/0092623X.2011.628440.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: esta nossa desconhecida**. São Paulo, Brasiliense, 1991.

CHERULLI, Kelly Cristine Barbosa. **Sexo e Religião**. Disponível em: <http://veritasvitaculturalis.blogspot.com/2018/05/concepcoes-de-sexualidade-nas-tradicoes.html>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

COSTA, Glicia Neves da. **Orgasmo feminino: conhecer para ter**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sexualidade Humana) – Instituto a Vez do Mestre, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2013.

Diaz, M. (1999). Educação Sexual e Planejamento Familiar. In M. Ribeiro (Org.), **O prazer e o pensar**, (Vol. 2, pp. 229-240). São Paulo: Editora Gente.

DINIS, Nilson; ASSINELLI-LUZ, Araci. (2006). **Educação Sexual na perspectiva histórico-cultural**. Educar, 30, 77-87.

ESPAÇO FORTE DE LUZ. **Os 7 níveis do sexo tântrico**. 2020a. Disponível em: <https://12helices.com/os-7-niveis-do-sexo-tantrico/>. Acesso em: 05 jul. 2020.

ESPAÇO FORTE DE LUZ. **O que faz um terapeuta tântrico?**. 2020b. Disponível em: <https://12helices.com/o-que-faz-um-terapeuta-tantrico/>. Acesso em: 05 jul. 2020.

ESPAÇO FORTE DE LUZ. **Quem somos**. 2020c. Disponível em: <https://12helices.com/quem-somos/>. Acesso em: 05 jul. 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. “**Revedo a História da Educação Sexual no Brasil: ponto de partida para a construção de um novo rumo**”. Nuances: Estudos sobre Educação, São Paulo. Set. 1998. Vol. 4, nº 4, p. 123-133.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução Raquel Ramalhete. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 95-101.

FREITAS, Daiany Paulino et al. A importância da enfermagem no processo de educação sexual dos adolescentes. **REVISTA MULTIDISCIPLINAR EM SAÚDE**. ISSN: 1988-0231, v. 1, n. 2, p. 126-137, 2020.

FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

FREUD, Sigmund. **Tres ensayos para uma teoria sexual**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Tomo II. (Obras completas).

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação Formal/Não Formal**. Institut International des Droits de l'enfant (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse). 2005. Disponível em http://www.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/Educacao_formal_ao_formal_2005.pdf, em 15 de julho de 2021.

GARCIA, Valeria Aroeira. (2009). **A educação não formal como acontecimento**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GARCIA, Viviane Aparecida Rachid e MARANINO, Martha. Levantamento Preliminar dos Programas de Educação dos Zoológicos Brasileiros que Utilizam Material Biológico em suas Atividades. In: SELLES, Sandra E. et al. **Anais o II Encontro Regional de Ensino de Biologia – Regional 02**. São Gonçalo, 2003.

GIAMI, Alain. A medicalização da sexualidade. Foucault e Lantéri-Laura: história da medicina ou história da sexualidade?. Physis: **Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, RJ, v. 15, n. 2, p. 259- 284, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal na pedagogia social. **An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social**, Mar. 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034 >. Acesso em: 01 de Out. de 2021 às 21h22min.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOMES, Renata Nascimento; BALESTERO, Gabriela Soares; ROSA, Luana Cristina de Faria. Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória. *Libertas - Revista de Pesquisa em Direito*, v. 2, n. 1, 31 dez. 2016.

GOZZO, Thaís de Oliveira; FUSTINONI, Suzete Maria; BARBIERI, Márcia et al. Sexualidade Feminina: Compreendendo Seu Significado. *Rev. latino-am. enfermagem - Ribeirão Preto* - v. 8 - n.3 - p. 84-90 - julho 2000.

HOOOPER, Anne – **Sexo sem limites: atravessando as fronteiras finais do prazer** – São Paulo, Editora Gente, 2008.

INSTITUTE FOR POPULATION AND SOCIAL RESEARCH MAHIDOL UNIVERSITY. **Evaluation of the health sexuality: A story of love Exhibition at Thailand's National Science Museum.** Bangkok: UNESCO's Regional Bureau for Education. 2012.

JANEIRO, José Manuel da Silva Vilelas. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 29, n. 3, p. 382, 2008.
KAPLAN, H.S. - *A Nova Terapia do Sexo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, SP, v. 22, p. 79-103, jun. 2001.

KONTULA, Osmo; MIETTINEN, Anneli. Determinants of female sexual orgasms. **Socioaffective, Neuroscience & Psychology**, Philadelphia, v. 6, Oct. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3402/snp.v6.31624>.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História oral e migração: a questão do regresso.** Oralidades: Revista de História Oral, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-31, 2007.

LANGFELDT, Thore; PORTER, Mary. (1986). **Sexuality and family planning: Report of a consultation and research findings.** Copenhagen: World Health Organization. Regional Office for Europe.

LIMA, Lana Lage da Gama. (1996). Confissão e sexualidade. In R. Parker, R. M. Barbosa (Orgs.), **Sexualidades brasileiras** (pp. 38-50). Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA:IMS/UERJ.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.**

LOYOLA, Maria Andréa. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 19, n. 4, p. 875-899, jul./ago., 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 4. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2014.

MACHADO, Lia Zanota. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo.** In 52ª. REUNIÃO BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo, 52., 2000, Brasília.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e Educação Sexual**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155340>. UNESP, 2014. Acesso em: 14 de outubro de 2021.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. Ensino de **Biologia**: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

MARQUES, Mário Osório. **Educação nas ciências**: interlocução e complementaridade. Ijuí: Inijuí, 2002.

MASTERS, William Howell; JOHNSON, Virginia Eshelman. - **A resposta sexual humana**. São Paulo: Roca, 1984.

MENDES, Inês. (2010). **Como construir e dinamizar uma exposição interativa de ciência**. Dissertação de Mestrado em Comunicação em Ciência apresentada à Universidade de Aveiro. Não publicada.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Monesi, Angelo A. (1993). Adolescência e vivência da sexualidade. In M. Ribeiro (Org.), **Educação Sexual**: Novas ideias, novas conquistas (pp. 91-100). Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

MUCHEMBLED, Robert – **O Orgasmo e o Ocidente**. 1º Edição, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2007

NICOLINO, Aline da Silva. NOVAS E VELHAS CONFIGURAÇÕES DA SEXUALIDADE FEMININA. **Polêmica**, v. 9, n. 3, p. 72 – 79, julho/setembro 2010.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Papirus, 1997.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OSHO. **Tantra**: espiritualidade e sexo. São Paulo: Madras Livraria e Editora Ltda, 2001.

OSHO – **Tantra**: o Caminho da Aceitação – 10. ed., São Paulo, Editora Pensamento Culturix, 2012.

PATENÉ, Rosana de Sousa. **Escola e Educação Sexual**: espaços e relações, dinâmicas e compreensões. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade de Coimbra. 2009.

PINTO, Elizabeth Baptista. **Orientação Sexual na Escola**: a importância da Psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Gente, 1999.

RAPOSO, Theremilza Cristina Santana. Grupo de mulheres: uma perspectiva feminista na terapia sexual. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH**, v. 7, n. 1, p. 43-51. jan./jun. 1996.

RESSEL, Lúcia Beatriz; GUALDA, Dulce Maria Rosa. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre prejuízos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, vol.37, no. 3, set. 2003.

RIBEIRO, Jucélia Santos Brito. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**, n. 26, jan./jun., p. 145-168, 2006.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa...** A Educação Sexual no Brasil nos documentos da Inquisição dos séculos XVI e XVII – UNESP. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/28/textos/ge23/ge231146int.rtf Acesso em: 30 de agosto de 2021.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; REIS, Giselle Volpato. 1993. José de Albuquerque e a Educação Sexual nas décadas de 1920-1950: um estudo bibliográfico. [S.l.: s.n.]. **GT: História da Educação**/ nº 2. Agência financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In P. R. M. Ribeiro (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15-25.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual: além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

ROCHA, Sônia Cláudia Barroso da. **A escola e os espaços não-formais: possibilidades para o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2008.

RODRIGUES Jr, Oswaldo Martins. (1993). Os conflitos sexuais na adolescência. In M. Ribeiro, **Educação sexual: novas ideias, novas conquistas** (pp. 101-111). Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

ROMEIRO, Artieres Estevão. **Schopenhauer e a metafísica da vontade: confluências éticas e estéticas para uma abordagem da educação e da sexualidade**. 21/06/2010. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2010.

ROMERO, Leonardo. **Elementos de Sexualidad y Educación Sexual**. Colombia: CAC,1998.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação Sexual na Escola**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo. 1985. Nº 53, p. 11-19.

ROSISTOLATO, Rodrigo. 2003. **Sexualidade e Escola: uma análise da implantação de políticas públicas de orientação sexual**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS.

RUSSO, Jane; ROHDEN, Fabíola (Org.). **Sexualidade, ciência e profissão no Brasil**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.

SACOMORI, Cinara et al. Função sexual feminina na gestação. **Fisioterapia Brasil**, São Paulo, v. 13, n. 6, p. 458-462, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33233/fb.v13i6.584>.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo. 2ª ed. - Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANGITO, Deva. **Tantra**. Centro Metamorfose, 2020. Disponível em: <https://redemetamorfose.org/tantra>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; ARAÚJO, Débora Cristina de C. **Sexualidade e Gênero: questões introdutórias em Sexualidade**. [Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual]. Curitiba. SEED. 2009.

SCOTT, Joan. **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.

SILVA, Cenira. **Sexualidade humana: considerações pedagógicas**. Passo Fundo: Ed. UPF, 1995.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von et al. Introdução. In: SIMSON, O. R. M. von et al (orgs). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ Centro de Memória, 2001.

SOUSA, Leilane Barbosa; FERNANDES, Janaína Francisca Pinto; BARROSO, Maria Grasiela. Teixeira. (2006). **Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar**. Acta Paul Enferm, 19(4), 408-413.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo: pais e professores**. São Paulo. Ed. Paulinas, 2002.

TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1980.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

UNESCO. (2010). **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade**. Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Vol 1 e 2. Paris: UNESCO.

VASCONCELLOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 78, abril, 2002.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, Maria Lúcia; DIAS, Monique. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**, São Paulo, n. 4, Oct./Dec. 2005.

VINCENT, Gerard. “Uma história do segredo?”. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. **História da vida privada 5**. Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 155-389.

VITIELLO, Nelson. **Reprodução e Sexualidade**. São Paulo: Ceich. 1994.

WEREBE Maria José. “Implantação da Educação Sexual no Brasil”. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo. 1977. Nº 26, p. 21-27.

WHITMONT, Christopher Edward. **Retorno da Deusa**. Trad. De Maria Silva Mourão – São Paulo: Summus, 1991.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual health**. Switzerland: WHO, 2007. Disponível em: [https://www.who.int/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research-\(srh\)/overview](https://www.who.int/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research-(srh)/overview). Acesso em: 9 ago. 2007.

APÊNDICE A – CLASSIFICAÇÃO DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS SEGUNDO A ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA

Transtornos do desejo sexual:

Desejo sexual hipoativo:

Deficiência ou ausência de fantasias sexuais e desejo de ter atividade sexual.

Aversão sexual:

Aversão e esquivia ativa do contato sexual genital com um parceiro sexual.

Transtornos da excitação sexual:

Incapacidade persistente ou recorrente de adquirir ou manter uma resposta de excitação sexual adequada de lubrificação-turgescência até a consumação da atividade sexual.

Transtornos do orgasmo:

Atraso ou ausência persistente ou recorrente de orgasmo, após uma fase normal de excitação sexual.

Transtornos sexuais dolorosos:

Dispareunia: dor genital associada com intercurso sexual.

Vaginismo:

Contração involuntária, recorrente ou persistente, dos músculos do períneo adjacentes ao terço inferior da vagina, quando é tentada a penetração vaginal com pênis, dedo, tampão ou espéculo.

Disfunção sexual devida a uma condição médica geral:

Disfunção sexual decorrente de alterações genitais anatômicas, inflamatórias ou qualquer outra condição médica.

Disfunção sexual induzida por substância:

Disfunção sexual decorrente do uso de fármacos, tais como anticoncepcionais hormonais, antidepressivos, drogas psicoativas, toxinas, álcool etc.

Disfunção sexual sem outra especificação:

Disfunções sexuais que não se enquadram nas demais.

APÊNDICE B – ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**EDUCAÇÃO SEXUAL FEMININA E OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA TÂNTRICA:
NARRATIVAS DE MULHERES DO CEARÁ**

PREZADO (A) COLABORADOR (A),

O OBJETIVO DA PESQUISA É INVESTIGAR COMO O TANTRA PODE AUXILIAR A MULHER A CONCEBER UM NOVO OLHAR PARA SUA SEXUALIDADE.

RESSALTA-SE QUE OS RESPONDENTES NÃO SERÃO IDENTIFICADOS, BEM COMO, MANTER-SE-Á O SIGILO TOTAL. PORTANTO, DESDE JÁ, AGRADEÇO A SUA COLABORAÇÃO E A SUA AJUDA, APOIANDO OS DESENVOLVIMENTOS CIENTÍFICOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

1 - QUANTO TEMPO DE ATUAÇÃO VOÇE TEM COMO TERAPEUTA TÂNTRICA?
FALE UM POUCO DA SUA FORMAÇÃO:

2 - O QUE TE MOTIVOU A BUSCAR FORMAÇÕES NA ÁREA TÂNTRICA?

3 - O QUE O TANTRA SIGNIFICA PARA VOCÊ?

4 - QUAL A METODOLOGIA UTILIZADA PARA TRANSMITIR OS ENSINAMENTOS
TÂNTRICOS AO PÚBLICO?

5 - NESSE TEMPO COMO TERAPEUTA TÂNTRICA, O QUE VOCÊ PÔDE PERCEBER
DO IMPACTO DO CONHECIMENTO TÂNTRICO NA VIDA DAS MULHERES?

6 - QUAL O SEU MAIOR DESAFIO COMO TERAPEUTA TÂNTRICA?

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
BRASILEIRA

EDUCAÇÃO SEXUAL FEMININA E OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA TÂNTRICA:
NARRATIVAS DE MULHERES DO CEARÁ

PREZADO (A) COLABORADOR (A),

O OBJETIVO DA PESQUISA É INVESTIGAR COMO O TANTRA PODE AUXILIAR A MULHER A CONCEBER UM NOVO OLHAR PARA SUA SEXUALIDADE.

RESSALTA-SE QUE OS RESPONDENTES NÃO SERÃO IDENTIFICADOS, BEM COMO MANTER-SE-Á O SIGILO TOTAL. PORTANTO, DESDE JÁ, AGRADEÇO A SUA COLABORAÇÃO E A SUA AJUDA, APOIANDO OS DESENVOLVIMENTOS CIENTÍFICOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

SEÇÃO A: PERFIL DOS RESPONDENTES

1- SEXO

1.1 () FEMININO

1.2 () MASCULINO

2- IDADE:

2.1 () 20 A 30 ANOS

2.2 () 31 A 40 ANOS

2.3 () 41 A 50 ANOS

2.4 () 51 A 60 ANOS

SEÇÃO B: SEXUALIDADE FEMININA: REPRESSÃO OU EMANCIPAÇÃO?

3- EM ALGUM MOMENTO NA SUA INFÂNCIA OU ADOLESCÊNCIA VOCÊ FOI ORIENTADO POR SEUS PAIS SOBRE SEXUALIDADE?

SIM () NÃO ()

*SE SIM, DE QUE FORMA OCORREU ESSA ORIENTAÇÃO?

* SE NÃO, POR QUEM VOCÊ FOI ORIENTADO? _____

4- JÁ VIVEU ALGUMA SITUAÇÃO DE MACHISMO NO SEU DIA A DIA?

SIM () NÃO ()

* EM QUE LOCAL? _____

RELATE ABAIXO, CASO QUEIRA:

5- O QUE A SEXUALIDADE SIGNIFICA PARA VOCÊ ENQUANTO MULHER?

SEÇÃO C: UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE EM AMBIENTES FORMAIS, INFORMAIS E NÃO FORMAIS.

6- EM ALGUM MOMENTO NA SUA INFÂNCIA OU ADOLESCÊNCIA VOCÊ FOI

ORIENTADA EM SEU AMBIENTE ESCOLAR SOBRE SEXUALIDADE?

SIM () NÃO ()

6.1- EM QUAL ASPECTO A SEXUALIDADE ERA ABORDADA NA SUA ESCOLA?

7- EM ALGUM MOMENTO NA SUA INFÂNCIA OU ADOLESCÊNCIA VOCÊ FOI ORIENTADO NA SUA RELIGIÃO SOBRE SEXUALIDADE?

SIM () NÃO ()

NÃO TINHA RELIGIÃO ()

* DE QUE FORMA OCORREU ESSA ORIENTAÇÃO?

8- EM QUE OUTROS MEIOS VOCÊ TEVE ACESSO SOBRE ESSE CONTEÚDO DE SEXUALIDADE? _____

9- EM QUAL AMBIENTE VOCÊ JÁ TEVE CONTATO COM ESSA TEMÁTICA DA SEXUALIDADE: _____

SEÇÃO D: TANTRA PARA MULHERES: O CONTEMPLAR DE NOVOS

HORIZONTES DE LIBERTAÇÃO.

10- POR QUAL MOTIVO VOCÊ BUSCOU CONHECER O TANTRA?

11- QUAIS BENEFÍCIOS VOCÊ TEVE EM CONHECER O TANTRA?

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!